

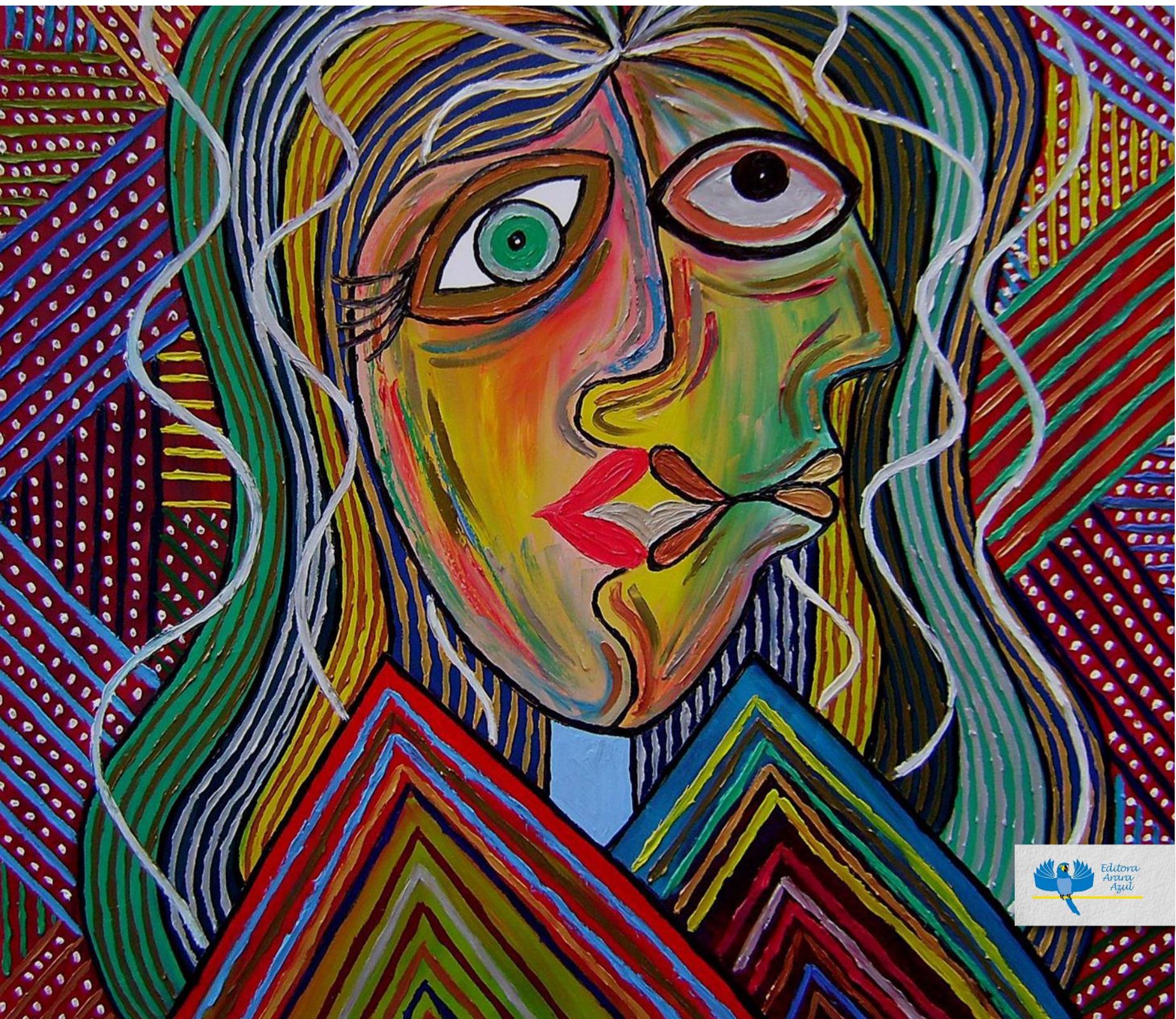
**Referenciais para o ensino
de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na
Educação Bilíngue de Surdos:**
da Educação Infantil ao Ensino Superior

Marianne Rossi Stumpf
Ramon Santos de Almeida Linhares
Organização

Volume 5

Ensino de Libras como L1 no

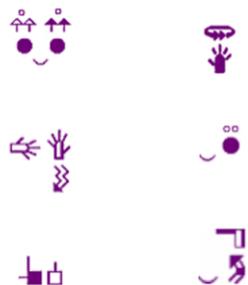
Ensino Superior



MARIANNE ROSSI STUMPF
RAMON SANTOS DE ALMEIDA LINHARES
(ORGANIZAÇÃO)



Referenciais para o ensino de
Língua Brasileira de Sinais como
primeira língua na Educação
Bílingue de Surdos:
da Educação Infantil ao Ensino Superior



Volume 5
Ensinar Libras como L1
no Ensino Superior

REALIZAÇÃO



APOIO



PRODUÇÃO



Copyright © Marianne Rossi Stumpf; Ramon Santos de Almeida Linhares, 2021
ISBN 978-85-8412-036-9

Coleção: *Ensinar e aprender em Libras*

Obra: *Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*

Vol. 1 – Fundamentos históricos e conceituais para curricularização da Libras como primeira língua

Vol. 2 – Ensino de Libras como L1 na Educação Infantil

Vol. 3 – Ensino de Libras como L1 no Ensino Fundamental

Vol. 4 – Ensino de Libras como L1 no Ensino Médio

Vol. 5 – Ensino de Libras como L1 no Ensino Superior

1ª edição 2021

Os direitos desta obra são reservados à editora Arara Azul.

Os textos destas coleções são de responsabilidade exclusiva dos autores. É permitida sua reprodução, total ou parcial, desde que seja citada a fonte. A reprodução não declarada dos conteúdos desta publicação constitui violação do copyright (Lei nº 9.610/1998).

Esta obra foi contemplada pelo Edital 09/PPGL/2021 sob o sistema da PROEX/UFSC, Nº do Processo: 23038.008664/2021-28.

Material distribuído gratuitamente e não deve ser comercializado.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

STUMPF, Marianne Rossi; LINHARES, Ramon Santos de Almeida (org.).

Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior, Vol. 1 [livro eletrônico] / texto final coletivo: vários autores et. al.]. 1ª edição. Petrópolis, RJ : Editora Arara Azul, 2021.

302 p.: il. ; 23 x 30 cm – (Vol. 5 / Coleção: *Ensinar e aprender em Libras*)

ISBN: 978-85-8412-031-4

1. Educação Bilíngue de Surdos. 2. Currículo. 3. Libras. I. Título.

CDD 370 (117)

EDITORA ARARA AZUL

Rua A, Condomínio Vale da União, casa 20, Araras, Petrópolis – RJ – Brasil. CEP: 25725-055.

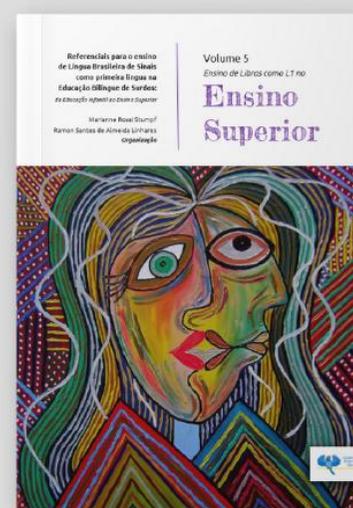
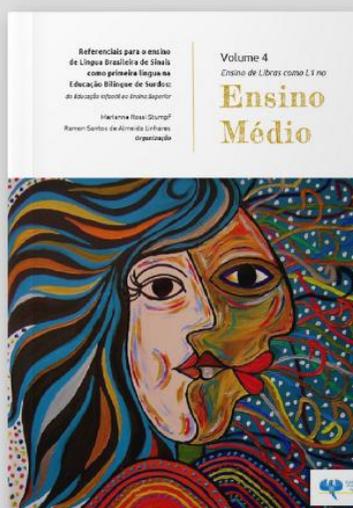
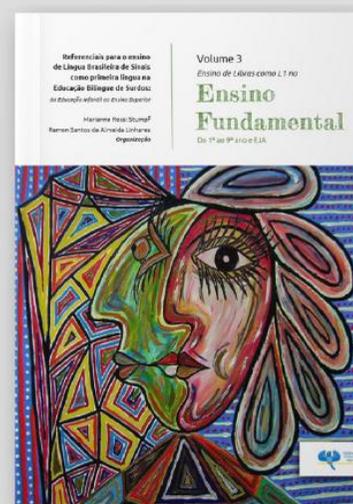
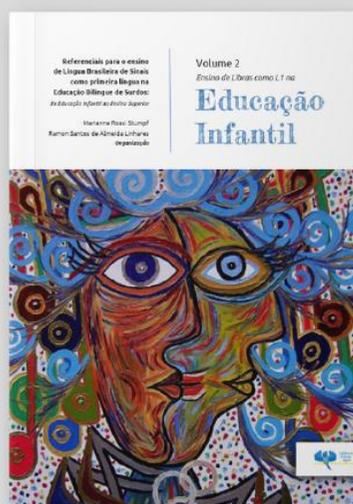
Celular/WhatsApp:(24) 98828-2148 | E-mail: eaa@editora-arara-azul.com.br

www.editora-arara-azul.com.br



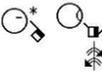
Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior

Obra coletiva, composta por cinco volumes, produzida por pesquisadores surdos e ouvintes bilíngues como resposta às novas demandas da **Educação Bilíngue de Surdos** como modalidade especializada de educação no Brasil.



**Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos:
*da Educação Infantil ao Ensino Superior***

PESQUISADORES-AUTORES DESTA OBRA

Aline Lemos Pizzio			Marcos Luchi
Bruno Gonçalves Carneiro			Maria Mertzani
Carilissa Dall'Alba			Marianne Rossi Stumpf
Carina Rebello Cruz			Marilyn Mafra Klamt
Charley Pereira Soares			Marisa Dias Lima
Cristiane Lima Terra Fernandes			Rachel Sutton-Spence
Débora Campos Wanderley			Ramon Santos de Almeida Linhares
Elias Paulino da Cunha Junior			Rodrigo Nogueira Machado
Felipe Venâncio Barbosa			Ronice Müller de Quadros
Francielle Cantarelli Martins			Shirley Vilhalva
Guilherme Nichols			Simone Gonçalves de Lima da Silva
Jair Barbosa da Silva			Sônia Marta de Oliveira
Juliana Lohn			
Kátia Lucy Pinheiro			Vanessa Regina de Oliveira Martins

PRODUÇÃO EXECUTIVA DESTA PESQUISA E SUA PUBLICAÇÃO

COORDENAÇÃO GERAL DA PESQUISA

Prof.^a Dra. Marianne Rossi Stumpf

ORGANIZAÇÃO GERAL DA OBRA

Prof.^a Dra. Marianne Rossi Stumpf

Prof. Me. Ramon Santos de Almeida Linhares

COORDENAÇÃO DE GRUPOS DE TRABALHO

Prof.^a. Dra. Débora Campos Wanderley

Prof.^a. Dra. Francielle Cantarelli Martins

Prof. Dr. Marcos Luchi

Prof.^a. Dra. Ronice Müller de Quadros

Prof.^a. Dra. Sônia Marta de Oliveira

CONSULTORAS TÉCNICO-PEDAGÓGICAS

Prof.^a. Dra. Adriane Melo de

Castro Menezes (UFRR)

Prof.^a. Dra. Ana Regina e

Sousa Campello (INES)

Prof.^a. Dra. Gabriela Rizo (UFRRJ)

Prof.^a. Dra. Patrícia Luiza

Ferreira Rezende-Curione (INES)

PARECERISTAS DA FEDERAÇÃO

NACIONAL DE EDUCAÇÃO

E INTEGRAÇÃO DE SURDOS (FENEIS)

Prof.^a. Me. Cintia Caldeira da Silva (UnB)

Prof.^a. Dra. Daniela Prometi (UnB)

Prof.^a. Dra. Karin Lilian Strobel (UFSC)

Prof. Esp. Jusélio Mattos do Amaral (UnB)

Prof. Me. Magno Prado

Gama Prates (FENEIS; UNIR)

Prof.^a. Me. Maria Fátima Félix Nascimento (IFB)

Prof.^a. Dra. Patrícia Luiza Ferreira

Rezende-Curione (INES)

Prof.^a. Me. Renata Cristina Fonseca de Rezende (IFB)

REVISÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Bruna Crescêncio Neves

Bruno Gonçalves Carneiro

Carina Rebello Cruz

Cristiane Lima Terra Fernandes

Jair Barbosa da Silva

Sandra Patrícia Nascimento

Sônia Marta Oliveira

PREPARAÇÃO E REVISÃO FINAL

DE LÍNGUA PORTUGUESA

Fernanda Silveira

ILUSTRAÇÕES

Helenne Schroeder Sanderson

Maurício Barreto Silva

ARTISTAS SURDOS HOMENAGEADOS

Bruno Vittal

Candy Uranga

Coletivo Corpossinalizante

Fábio Gonçalves

Fábio Sellani

Gabriel Isaac

Klima Coutinho

Lucas Ramon “Tikinho”

Marcos Anthony

Ralph Odrus

ESTRUTURAÇÃO GERAL DO TEXTO, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ramon Santos de Almeida Linhares

ARTES DAS CAPAS

Obras do artista surdo

Marcos Anthony – Belo Horizonte, MG



Um espaço dedicado à cultura e à diversidade



Ler em Libras

GERENTE EDITORIAL E DE PROJETOS

Clélia Regina Ramos

ASSISTENTE EDITORIAL

Karine de Fátima Ribeiro da Cruz

Missão:

A Arara Azul, com suas três empresas, Editora Arara Azul, Arara Azul Educacional e Centro Virtual de Cultura Surda e Diversidade, tem por MISSÃO o desenvolvimento de ações destinadas à valorização das línguas gestuais, orais e/ou escritas, à promoção das culturas surda e ouvinte e à aceitação das diversidades humanas.

Objetivos:

- Produzir materiais e ofertar serviços tendo como público-alvo pessoas surdas e profissionais que atuam na área da surdez.
- Registrar fatos e acontecimentos relativos às comunidades surdas brasileira e internacional.
- Incentivar estudos e pesquisas produzidos por surdos e para os surdos.
- Divulgar ideias e abrigar diferentes correntes de opinião sobre assuntos do interesse das pessoas com surdez.
- Fortalecer discussões entre aqueles que, como nós, lutam por uma sociedade mais humana e mais justa para todos, independentemente de se tratar de pessoas surdas ou pessoas ouvintes.

A **Editora Arara Azul Ltda** pretende ser o local onde todos aqueles que desejam ampliar conhecimentos sobre variados temas relativos ao universo das pessoas surdas e/ou pertinentes aos profissionais que atuam na área da surdez tenham a oportunidade de buscar, analisar e socializar informações e conhecimentos.



Palavras da Federação Nacional De Educação e Integração dos Surdos



Ler em Libras

A Federação Nacional De Educação e Integração dos Surdos (Feneis), inscrita no CNPJ 29.262.052/0001-18, tendo suas atividades reconhecidas como de Utilidade Pública na esfera Federal, Estadual e Municipal, sendo filiada à Federação Mundial dos Surdos (WFD), atua enquanto entidade filantrópica, sem fins lucrativos, com escopo sociocultural, assistencial e educacional, tendo por objetivo a defesa e a luta pelos direitos da Comunidade Surda Brasileira. Após leitura e análise de comitê técnico, e em conjunto com a Diretoria da Feneis, vem se manifestar nos termos abaixo declinados:

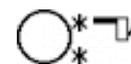
Ao cumprimentá-los cordialmente, a Feneis vem por meio desta declaração reconhecer o grupo de trabalho composto por surdos e ouvintes bilíngues para o desenvolvimento desta pesquisa que culmina nesta obra singular. Uma base teórica, histórica e curricular que fundamenta a criação da disciplina de Libras como primeira língua para estudantes surdos brasileiros. Valiosa proposta que será disposta tanto para criação da disciplina de Libras, assim como para que os professores de Libras criem suas ementas, planos de curso, planos de aulas e projetos, seja nas Escolas Bilíngues de Surdos, ou para os diversos outros espaços educacionais.

Apoiamos o intenso trabalho desenvolvido por toda equipe desta obra, com destaque aos 26 pesquisadores professores surdos e ouvintes bilíngues, reforçando o modelo de articulação entre agentes da comunidade surda e a Feneis. Esta parceria, que há muitos anos se repete como um processo fundamental, visa garantir o diálogo entre a riqueza da experiência acumulada em pesquisa e docência para com o trabalho a luta pelos direitos humanos, com foco nos direitos linguísticos e educacionais; bases fundamentais das pautas de nossa instituição. Como parte desses projetos, vemos a construção e publicação desta pesquisa como uma forte ferramenta de aprimoramento da qualidade de ensino escolar ofertado aos estudantes Surdos, Surdocegos, com deficiência auditiva sinalizantes, com altas habilidades/superdotação, com múltiplas deficiências, entre outros perfis.

Diante do exposto, ratificamos que a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, cortesmente, vem *atribuir grande reconhecimento* ao trabalho intitulado: dos “*Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*” conforme consta de acordo com os demais na diretoria da FENEIS.

Prof.ª Dra. Flaviane Reis

Diretora de Política Educacional e Linguística da Feneis
Uberlândia, 03 de maio de 2021. Base no ofício PRE nº: 23/2021





A Comunidade Surda brasileira se levantou e disse:
“Esta é a educação que nós, surdos, queremos!”.
Alguns anos depois, este documento que você tem em mãos é, enfim, uma das respostas mais diretas a esse pedido.

Desejamos que esta obra transforme as práticas de ensino no chão da escola onde caminham os surdos. E que, pela ética e pelo respeito a esses estudantes, surdos e ouvintes assumam uma postura de valorização da língua, da cultura e dos saberes surdos.

Equipe desta obra



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL:

aos professores de Libras 13

PRIMEIROS PASSOS:

olhar atento ao ensino de Libras no Ensino Superior Bilíngue de Surdos 26

O DEBATE 28

1. Por que ensinar Libras como L1 no Ensino Superior? 30

Fundamentos para pensar a Libras na universidade 32

Constituição Federal (1988)..... 33

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 1996)..... 34

Lei de Libras nº 10.436/2002..... 35

Decreto nº 5.626/2005..... 36

Plano Nacional de Educação Lei nº 13.005/2014..... 37

Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2009)..... 37

Lei Brasileira de Inclusão (LBI – 2015)..... 38

2. A relação entre a Libras e o conhecimento científico no Ensino Superior 40

3. Objetivos do ensino de Libras no Ensino Superior 44

4. Competências e habilidades em Libras no Ensino Superior 46

Competência específica 1..... 48

Competência Específica 2 49

Competência Específica 3..... 50

Competência Específica 4.....	51
Competência Específica 5.....	52
Competência Específica 6.....	53
Competência Específica 7.....	54
Competência Específica 8.....	55
5. Sugestões à formação de docentes bilíngues para o ensino de Libras como L1	56
Estudos linguísticos da Libras.....	56
Políticas linguísticas da Libras	56
Psicolinguística da Libras.....	56
Escrita de sinais da Libras.....	57
Estudos Surdos.....	57
Aquisição da linguagem.....	57
Aquisição da língua de sinais.....	57
Aquisição da Libras na educação infantil.....	57
Linguística Aplicada ao ensino de língua materna.....	57
Ensino de Libras como L1 para a Educação Básica em séries iniciais.....	58
Ensino de Libras como L1 para a Educação Básica em séries finais.....	58
Metodologia de ensino de Libras como L1.....	58
Literatura em Libras.....	58
Metodologia do ensino de literatura em Libras.....	59
Educação bilíngue.....	59
Didática e educação de surdos	59
Desenvolvimento e aprendizagem.....	59
Didática e avaliação na educação de surdos	60
Alfabetização e letramento em Libras	60
Produção textual em Libras.....	60
Libras no contexto brasileiro	60
Tecnologias aplicadas ao estudo da Libras.....	60
Tecnologias para a produção textual em Libras.....	60
Avaliação dos níveis de fluência na Libras	61
Intervenção linguística no desenvolvimento da Libras	61

Currículo e avaliação	61
Surdocegueira e escolarização.....	61
Libras acadêmica	61
6. Sugestão de abordagens da Libras como L1 no Ensino Superior.....	62
Orientações ao ensino de Libras L1 para alunos surdos universitários	62
7. Diálogos interdisciplinares dos saberes científicos com a Libras	64
Educação	65
Linguística.....	65
Linguística Aplicada	65
Psicolinguística	65
Sociolinguística.....	65
Literatura.....	65
Cultura e Identidade Surdas	66
Política Linguística	66
Tecnologia	66
8. Elementos e formas de avaliação de Libras.....	67
9. Indicações para professores em formação e pesquisa.....	68
1. Indicações para formação docente.....	68
2. Indicações para realização de pesquisas.....	69
Bibliografia sugerida	74
REFERÊNCIAS	77
PALAVRAS FINAIS:	
referenciais para um ensino de Libras em que os surdos sejam a referência.....	79
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES	87
Pequeno Glossário Alusivo Desta Obra	88
Equipe Desta Obra	97
Artistas Surdos/as homenageados/as nesta Coleção.....	110

**Referenciais para o ensino
de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na
Educação Bilíngue de Surdos:**
da Educação Infantil ao Ensino Superior

APRESENTAÇÃO

GERAL:

aos professores de Libras



**ARTISTA SURDO HOMENAGEADO
NA CAPA DESTA SEÇÃO**

Marcos Anthony – Belo Horizonte, BH

Aos professores de Libras



LER EM
LIBRAS



Acesse também pelo link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7PxbImiZLDXOGx32TZIRumOL1zd>





**Artista surdo
homenageado
nesta seção**

Marcos Anthony –
Belo Horizonte, MG

Todos nós compartilhamos lembranças muito significativas sobre algum professor ou professora com quem nos encontramos ao longo de nossas vidas. É consenso social que esses profissionais estão na base da formação das outras profissões. Em alguns casos, esses professores estavam nas escolas, mas, em tantas outras situações, sempre existiram pessoas na função de educadores/as – por mais que não respondesse formalmente pela profissão docente. A **educabilidade** se dá em uma dinâmica mediada pela percepção e pelas várias linguagens que a atravessam. Por isso, ensinar e aprender é um movimento que acontece em constante fluxo e dinamicidade. Uma relação integral dada para além das paredes das salas de aula, ou das fronteiras impostas entre corpo e cognição. Quantos de nós ainda lembramos de aprender a falar o nome das coisas que queríamos para que algum familiar nos atendesse um desejo e logo depois de aprender as letras daquelas palavras na escola, a dividir uma sobremesa em partes iguais para todo mundo e logo a armar e calcular uma “continha”? As fronteiras do que podemos aprender e ensinar por meio desses diferentes **jogos de linguagem** que passamos

ao longo da vida, quando orientados às pessoas surdas estão, no centro da pesquisa que compartilhamos com vocês nesta publicação.

A maneira de olhar para os estudantes surdos tem mudado nos últimos anos. Essas novas perspectivas – ainda que em disputa com o estabelecido olhar capacitista – tem exigido aos professores que observem atentamente como **o ensinar e o aprender, mediados por línguas e linguagens humanas**, acontecem e podem acontecer nas pistas que nos dão as vivências de pessoas e comunidades surdas. Crianças surdas quando chegam nas escolas, ambientes formais e dirigidos e ensino e aprendizagem, veem com uma bagagem própria e parcialmente diferenciada daquela compartilhada por crianças ouvintes que foram expostas às línguas orais de suas comunidades e famílias. Reforçamos que as crianças surdas não chegam com um problema em si, mas em desvantagem por um problema estrutural imposto a maioria delas: **a privação de línguas e linguagens** acessíveis às potencialidades de seus corpos.

Não apenas a equipe dessa publicação, mas diversos outros agentes têm trabalhado ao longo dos anos para corrigir as desigualdades sociais impostas às pessoas surdas. Uma luta, cada vez mais protagonizada por pessoas surdas, na qual a afirmação da **Língua Brasileira de Sinais** e da **Cultura Surda** tem se apresentado como bandeira e principal marcador social da diferença surda. Um dos marcos mais significativos dessa empreitada é a inclusão da Educação Bilíngue de Surdos como modalidade de ensino na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB)¹. Esse movimento responsabiliza as instancias públicas para com a efetivação da educação de surdos orientada ao **bilíngüismo Libras/Língua Portuguesa**, ao mesmo que permite que pesquisadores, docentes e diversos outros profissionais que atuam nesse contexto reúnam e debatam a educação de surdos a nível nacional.

A ânsia por políticas para a Libras, ao nosso ver, precisa constantemente se avaliar na observação do lugar das pessoas surdas na criação e implementação dessas ações e normativas. Por isso, ainda que muitos se lembrem das relações entre o que se “ouviu” em casa em o que “ouviu” dos professores, até então maioria das crianças surdas brasileiras falantes de Libras foram privadas da oportunidade de **saber em Libras**. Tanto quanto a visibilidade de estudantes surdos, os/as professores/as de Libras são figuras recentes e ainda estranhas à realidade escolar em nosso país. E, logo que estejam presentes, se pensa rapidamente em como ensinar Libras aos ouvintes desses lugares. Mas o que essa pesquisa se pergunta é: quem serão dos professores de Libras dos estudantes surdos? E, principalmente: o que os/as professores/as de Libras ensinaram ao longo da experiência escolar desses estudantes surdos?

¹ Cf. Lei N° 14.191, de 3 de agosto de 2021.

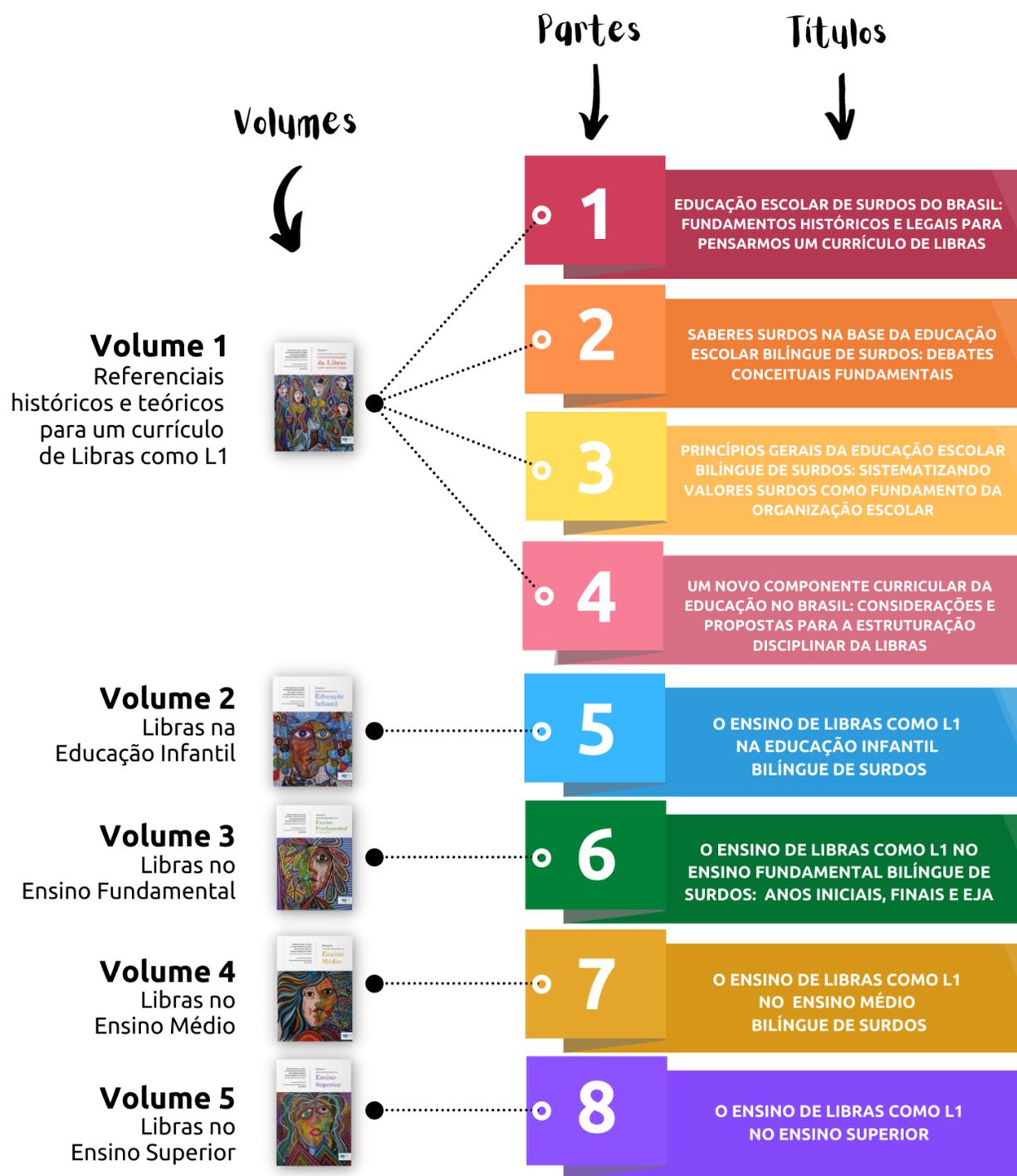
Por isso, é com imensa satisfação que compartilhamos os **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos**. Um lançamento que culmina não apenas no resultado de uma pesquisa de coletiva de dois anos e meio, mas que marca este momento da Educação Bilíngue de Surdos em nosso país. O texto que aqui segue reúne uma multiplicidade de olhares sobre teorias e experiências e pretende lançar uma base mais consistente para que muitas outras experiências sejam acrescentadas. Não é uma regra pronta, mas as bases para que novas práticas sejam experienciadas no protagonismo de docentes e estudantes surdos que circulam pelo chão das escolas brasileiras.

O caminho aqui não está completamente trilhado e pavimentado. Essa oferta de estruturação do **ensino de Libras como L1 para estudantes surdos da Educação Básica e do Ensino Superior** se apresenta como um apontamento de possíveis direções. Os caminhos serão múltiplos e construídos por muitos de nós que sabemos melhor que ninguém a realidade regional de nossas escolas e do quanto as próprias comunidades surdas locais têm muito a nos dizer e ensinar.

A pesquisa que compartilhamos hoje no formato desta publicação partiu do interesse e diálogo com instâncias representativas de organizações civis das comunidades surdas brasileiras e de aberturas no diálogo com o Ministério da Educação. Contudo, foi na força de trabalho de pesquisadores surdos e ouvintes, todos sinalizantes e membros ativos da comunidade surda, que essa pesquisa se realizou na concretude de um projeto de pesquisa interinstitucional desenvolvido no *Grupo de Pesquisa Avançadas em Estudos Surdos (GRUPES)*, sob a coordenação da Profa. Dra. Marianne Stumpf (UFSC); vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGL/UFSC) – ao qual agradecemos o apoio à publicação desta obra via PROEX/UFSC (Processo nº: 23038.008664/2021-28).

Desenvolvida coletivamente por pesquisadores surdos e ouvintes bilíngues, esta publicação foi construída por meio de reflexões sobre a pessoa surda na escola brasileira. Nos pomos **em diálogo com as demandas propostas pela comunidade surda brasileira** em diversos documentos e pesquisas, com a *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* e diversos referenciais para modalidades específicas de educação como as indígenas, do campo, entre outras. Propomos uma trajetória que vai se construindo a cada parte dos cinco volumes desta obra. Convidamos os docentes e estudantes para nos acompanharem na leitura de cada um dos volumes, mesmo que escolham se dedicar mais a fundo no período escolar no qual atua.

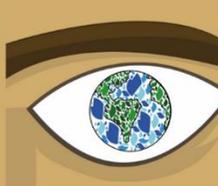
Começando pela história das pessoas surdas na escola brasileira, passamos por estudos fundamentais até chegarmos à **uma proposta concreta de estruturação e progressão curricular**. Seguimos pela Educação Infantil, percorremos as séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, depois o Ensino Médio, e chegando, enfim, à proposta de reflexão sobre a presença da Libras no Ensino Superior.



Um projeto aberto e escrito por muitas mãos fruto de lutas e negociações, da qual esperamos diálogo democrático para mais e mais direcionamentos significativos que concretizem aquilo que, como comunidade surda brasileira, pleiteamos a muitos anos: uma educação de surdos ética, participativa e construída de acordo com os **Saberes Surdos**. Um processo que procurou se pautar

principalmente no equilíbrio entre o conhecimento cientificamente comprovado e a experiência real, acumulada na prática e na reflexão de cada membro desta equipe, junto com as comunidades surdas regionais e institucionais que também fazem parte dela. Trata-se de uma postura que orientou todo este trabalho, e que pode ser vista como fundamental em qualquer política pública para a Educação Bilíngue de Surdos.

Partes dentro do volume 1


<small>Referencial para o ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) em escolas de Educação Básica</small> EDUCAÇÃO ESCOLAR DE SURDOS NO BRASIL: fundamentos históricos e legais para pensarmos um currículo de Libras <small>Volume 1 PARTE 1</small>	<small>Referencial para o ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) em escolas de Educação Básica</small> SABERES SURDOS NA BASE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE DE SURDOS: debates conceituais fundamentais <small>Volume 2 PARTE 2</small>	<small>Referencial para o ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) em escolas de Educação Básica</small> PRINCÍPIOS GERAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE DE SURDOS: sistematizando valores surdos como fundamento da organização escolar <small>Volume 3 PARTE 3</small>	<small>Referencial para o ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) em escolas de Educação Básica</small> UM NOVO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE DE SURDOS: considerações e propostas para a estruturação disciplinar da Libras <small>Volume 4 PARTE 4</small>
			
<p>1</p>	<p>2</p>	<p>3</p>	<p>4</p>
 <p>EDUCAÇÃO ESCOLAR DE SURDOS DO BRASIL: fundamentos históricos e legais para pensarmos um currículo de Libras</p>	 <p>SABERES SURDOS NA BASE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE DE SURDOS: debates conceituais fundamentais</p>	 <p>PRINCÍPIOS GERAIS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR BILÍNGUE DE SURDOS: sistematizando valores surdos como fundamento da organização escolar</p>	 <p>UM NOVO COMPONENTE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: considerações e propostas para a estruturação disciplinar da Libras</p>

Além dos materiais dispostos no levantamento que compartilhamos nesta publicação como fundamentação histórica e teórica (volume 1) que poderá servir de respaldo para pesquisas e ações mais consistentes, as partes referentes aos níveis de ensino (volume 2 ao 5, da parte 5 a 8) são estruturadas de modo a dialogarem entre si. Aconselhamos a consulta das partes que mais lhe interessar, assim como a criação de grupos de **estudos e debates para o aperfeiçoamento e aplicação desses referenciais** onde mais desejamos que ele faça efeito: nas escolas.

Esperamos, assim, contribuir para o enriquecimento das discussões pedagógicas dentro das realidades de cada instituição escolar nas diversas regiões do Brasil. Agora está nas mãos de vocês promover a elaboração de projetos educativos que elevem a um novo patamar de qualidade a Educação Bilíngue de Surdos. Desejamos que essas mãos se multipliquem, e que logo possamos ver **estudantes surdos mais e mais engajados** com a construção das próprias histórias em instituições justas que os enxerguem como cidadãos plenos.

Envolver os estudantes surdos cada vez mais no universo da leitura em Língua Brasileira de Sinais (Libras), sinalizar em Libras e escrever em Libras, de uma maneira prazerosa, requer disposição e compromisso por parte daqueles que desejam construir uma sociedade mais justa e humana enquanto aqui estamos. A implementação destes referenciais vem favorecer significativamente o processo de ensino e aprendizagem, visto que propõe a construção de um ambiente que estimula a **produção e compreensão** tanto na **escrita e leitura**, assim como na **sinalização, interpretação e posicionamento crítico** frente a saberes em Libras por parte dos estudantes surdos. Em resultado, ao pensar em sua língua e ao conhecê-la como forma de expressão e diálogo, esperamos que os estudantes surdos conquistem melhores desempenhos também em outras disciplinas, uma vez que a leitura pelos olhos, da Libras e da Língua Portuguesa escrita, está inserida em todo o processo de ensino e no dia a dia desses educandos.

Por fim, lembramos que esta publicação projeto não é uma construção fechada, mas um conjunto de apontamentos que exigirá engajamento profundo de professores surdos e ouvintes bilíngues, estudantes surdos e suas famílias. São novas perspectivas que abrem um grande horizonte de possibilidades para que cada professor e suas instituições planejem e realizem **práticas de ensino que capacitem os estudantes surdos** com as riquezas da Libras e de seus saberes ensinados por meio dela. E assim, poderemos, em um futuro não tão distante, conversar com estudantes surdos sobre os professores que marcaram suas vidas nas relações afirmativas de uma escola que não os excluía. Local, no qual, esperamos que muitos desses estudantes retornem como profissionais que nos dirão (na prática e na atualização das pesquisas) o quanto ainda podemos nos aperfeiçoar na concretizar aquilo que foi chamado de *“a escola que nós Surdo queremos”*.

Prof^a. Dra. Marianne
Rossi Stumpf

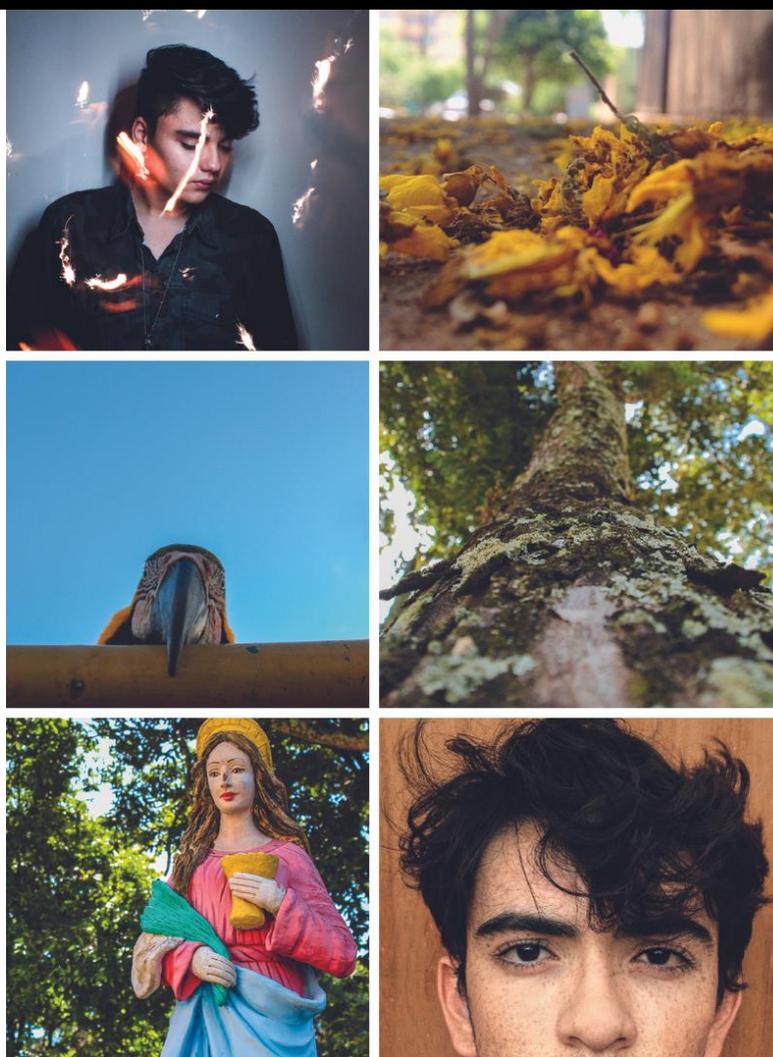


Prof. Me. Ramon Santos
de Almeida Linhares



PARTE 8

Ensino de Libras no Ensino Superior Bilíngue de Surdos



**Artista Surdo
homenageado
na capa desta seção**

Gabriel Isaac
- Goiás/GO



Saiba mais sobre o artista e a equipe técnica desta obra ao fim desta publicação.

Coordenação de área

Prof^ª. Dra. Ronice Müller de Quadros (UFSC)

Autores/as colaboradores/as

Prof^ª. Dra. Aline Lemos Pizzio (UFSC)

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro (UFT)

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva (UFAL)

Prof^ª. Dra. Marianne Rossi Stumpf (UFSC)

Prof. Me. Ramon Santos de Almeida Linhares (INES)

Prof. Me. Rodrigo Nogueira Machado (UFC)

Prof^ª. Dra. Ronice Müller de Quadros (UFSC)

Supervisão geral

Prof^ª. Dra. Marianne Rossi Stumpf (UFSC)

Diagramação e preparação do texto

Prof. Me. Ramon Santos de Almeida Linhares (INES)

Para ler em Libras você também pode acessar:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7PxblmiZLDXOGx32TZIRumOL1zd>

PRIMEIROS PASSOS: olhar atento ao ensino de Libras no Ensino Superior Bilíngue de Surdos

*"Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas.
Pessoas transformam o mundo."*
Paulo Freire

Neste volume, o objetivo é apresentar dois campos de ensino da Libras desenvolvidos no Ensino Superior Bilíngue de Surdos: o ensino da Libras em primeira língua (L1) como disciplina para alunos surdos universitários e os referenciais curriculares para os cursos de Letras-Libras formadores de professores de Libras que atuarão no ensino da língua de sinais como L1.

Atualmente, o Brasil conta com várias universidades públicas e algumas privadas que oferecem cursos de Letras-Libras, implementados por meio de programas específicos do Governo Federal, para formar professores de Libras. Depois do primeiro curso estabelecido no Brasil, em 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com apoio da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação (SEED/MEC), vários outros cursos foram implantados em universidades federais. No entanto, o curso é bastante recente, e as pesquisas envolvendo a Libras ainda estão sendo produzidas, especialmente com o desenvolvimento formações. Assim, é evidente a necessidade de produzir materiais de referência para o ensino de Libras.

Além disso, os próprios alunos surdos que ingressam no Ensino Superior precisam ter acesso ao ensino da própria língua, principalmente no contexto atual brasileiro, no qual esses alunos chegam à universidade sem ter a Libras como L1 no currículo escolar.

O ensino de Libras no currículo está relacionado com a garantia de Direitos Humanos aos cidadãos surdos para o ensino formal da própria língua, os quais preveem que sejam criadas oportunidades de acesso à educação e à língua de



LER EM
LIBRAS



Acesse também pelo link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7PxbImiZLDXOGx32TZIRumOL1zd>

minorias sociais. Desse modo, a Libras precisa ser assegurada como língua de instrução e ser ensinada aos alunos surdos para a formação de cidadãos brasileiros por meio de uma educação bilíngue.

Este material é direcionado para orientar instituições na organização de seus currículos para ensino da Libras no Ensino Superior. Em primeiro lugar, foi necessário justificar essa inclusão e, em seguida, discutir a relação entre a Libras e o conhecimento científico neste nível educacional. Após essa introdução, apresentamos os objetivos do ensino de Libras no Ensino Superior. Na sequência, discutimos sobre as competências e habilidades em Libras a serem desenvolvidas neste nível educacional para, então, apresentarmos sugestões à formação de docentes bilíngues para o ensino de Libras como L1, assim como abordagens da Libras como L1 no Ensino Superior. Discorreremos também sobre diálogos interdisciplinares dos saberes científicos com a Libras. Ao final, destacamos elementos e tipos de avaliação de Libras, bem como indicações para a formação e o desenvolvimento de pesquisas para os professores.

Nossa proposta envolve a formação de professores que venham a atuar de maneira crítica e verdadeiramente bilíngue, com base nas perspectivas dos próprios surdos nas relações com seus colegas surdos e ouvintes. Essa formação precisa ser libertadora, no sentido de desconstruir visões "audistas" da surdez, isto é, romper com a ótica que discrimina os surdos associada a perspectivas capacitistas. Com o entendimento de que surdos são cidadãos brasileiros, a proposta do Ensino da Libras no Ensino Superior oferece ferramentas a esses cidadãos para desempenharem suas funções sociais e linguísticas de modo integral.

Assim, convidamos os leitores para estudarem este material e criarem maneiras de ensinar a Libras e formar professores de Libras ajustando as sugestões apresentadas aqui à sua realidade.

Prof^a. Dra. Ronice Müller de Quadros (UFSC)
Coord. de área – Ensino Superior na EBS



O DEBATE

O ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no Ensino Superior proposto para este documento busca pensar amplamente os lugares reais e pretendidos para essa língua nos contextos acadêmicos. O objetivo é contribuir com a promoção de projetos de ensino, pesquisa e extensão que conversem mais diretamente com as práticas de posicionamento da Libras como primeira língua (L1) e como língua de instrução na Educação Bilíngue de Surdos em todo o país, em conformidade com o previsto na legislação vigente (Lei nº 10.436/2002, Decreto nº 5.626/2005 e Plano Nacional de Educação – Lei nº 13.005/2014 e Meta 4.7). Nesta publicação, é tratada, especificamente, a formação e a capacitação – inicial e continuada – de docentes, considerando a produção e a circulação de conhecimentos científicos em Libras. Atualmente, a maior demanda da Libras no Ensino Superior se debruça sobre o aprendizado de Libras por professores em formação. Contudo, constata-se que a presença qualificada da Libras no Ensino Superior se desdobra em mais assuntos, aos quais também é preciso investir atenção, recursos didático-pedagógicos e tecnológicos, e pesquisas.

Uma distinção relevante diz respeito aos diferentes focos que devem compor a formação de professores para atuarem na Educação Bilíngue de Surdos. É necessário diferenciar o *ensino de* Libras do *ensino em* Libras. O contato e o aprendizado da Libras na formação de docentes são importantes, no entanto há necessidade de observar os caminhos que envolvem o ensino e a aprendizagem de estudantes surdos sinalizantes, considerando a não homogeneidade de perfis desses estudantes nas diversas fases de sua escolarização.

Esta publicação se debruça sobre as possibilidades de abordagem da Libras como componente curricular no Ensino Superior. Nesse contexto, observa-se a necessidade de disciplinas de Libras voltadas para: a) aprendizagem e desenvolvimento de proficiência em Libras; b) compreensão dos processos educativos de aprendizagem de estudantes surdos na educação bilíngue que opera por instrução em Libras; e c) compreensão da Libras no contexto de circulação, produção e consumo de conhecimentos escolares e acadêmico-científicos. À medida que os assuntos se desenrolam, serão indicados percursos teóricos, metodológicos e didáticos que têm o objetivo de sugerir formas de promoção da Libras não apenas como um conteúdo a ser ensinado, mas também como uma língua nacional, pela qual se pode produzir e difundir saberes e sentidos e, sobretudo, a cultura de um povo: o surdo.

Esta proposta curricular deve ser pensada como diretriz para o ensino de Libras L1 no Ensino Superior, visando à formação do professor que atuará na Educação Básica e Superior. Além disso, cabe esclarecer que é um documento de referência, portanto, flexível, por meio do qual as instituições de Ensino Superior devem adaptar

as próprias propostas, ajustando-as às demandas locais, sem desconsiderar as bases norteadoras comuns descritas aqui.

O referencial ora apresentado está subdividido em dez seções, assim compreendidas:

1. Por que ensinar Libras no Ensino Superior?
2. Relevância da Libras na relação com o conhecimento científico
3. Objetivos do ensino de Libras no Ensino Superior
4. Competências e habilidades em Libras no Ensino Superior
5. Sugestões de temas e abordagens para compor o currículo do curso de Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue quanto ao Ensino de Libras como L1
6. Sugestão de diretrizes para Libras como L1 no nível superior
7. Diálogos interdisciplinares dos saberes científicos com a Libras
8. Elementos e formas de avaliação
9. Indicações metodológicas aos professores
10. Bibliografia sugerida

Cada uma das seções orienta as possíveis abordagens da Libras como L1 no Ensino Superior, tendo em vista uma formação docente dos futuros professores de Libras, quer dos cursos de Letras-Libras, quer de Pedagogia Bilíngue, de modo consistente, ético, plural e significativo; respeitando a diferença surda, a pluralidade e a interdisciplinaridade do conhecimento científico, bem como a cultura e a literatura surdas, as múltiplas possibilidades de recursos tecnológicos disponíveis para o ensino da Libras e para o estudo científico dessa língua, e, por fim, a Libras em suas múltiplas faces.

1. Por que ensinar Libras como L1 no Ensino Superior?

Este documento tem por finalidade apresentar as diretrizes para o Ensino de Libras como L1 (língua materna) no Ensino Superior, com amparo legal na Constituição Federal (1988), na Lei de Libras nº 10.436/2002, no Decreto nº 5.626/2005, na Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2009), no Plano Nacional de Educação (2014), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2018) e na Lei Brasileira de Inclusão (2015), bem como propor uma base curricular para o ensino de Libras como L1 no Ensino Superior. Trata-se de importante demanda da sociedade brasileira, que dispõe de cursos de formação de professores de Libras em quase todos os estados da Federação, nos quais futuros docentes de Libras (surdos e ouvintes) se formam, sem, no entanto, haver um currículo nacional direcionado ao ensino de Libras como L1 para atender às demandas da Educação Básica e às do Ensino Superior, nas mais diversas modalidades vigentes no país.

A proposta ora apresentada foi composta por uma equipe de professores com vasta experiência em gestão dos cursos de Letras-Libras, portanto conhecedores de suas demandas, além de serem pesquisadores e sinalizantes da Libras, dois deles surdos (Prof^ª. Marianne Rossi Stumpf – UFSC e Prof. Rodrigo Nogueira Machado – UFC).

Este documento tem como fundamentos:

- a. **A ética** – da primeira infância à vida adulta, na vida cotidiana e no mundo do trabalho, princípios éticos devem ser assegurados para a constituição de cidadãos que ajam com retidão, alteridade e justiça social, de modo a acolher e respeitar as diferenças e a pluralidade.

- b. **O respeito à identidade surda** – o respeito faz parte da ética, constitui uma parte dela. A identidade humana é atravessada por histórias, culturas, ideologias; é um "em se fazendo" constante, o que implica um jogo dinâmico das relações entre as pessoas. Nesse jogo, as formas de conceber o mundo são determinantes para a constituição de uma identidade. Assim, a percepção do surdo, dada sua diferença surda, com todas as implicações a ela inerentes, favorece uma identidade que precisa ser compreendida, estudada e respeitada.
- c. **O respeito à cultura surda** – por ser o surdo um sujeito de linguagem, ou por ela atravessado, seu estar-no-mundo cria e recria as artes, manifesta seus anseios, suas visões e suas percepções do mundo através da poesia, das narrativas, das artes plásticas; a língua por que se expressa, a língua de sinais na maioria dos casos, de modalidade visual-espacial, é a expressão máxima de sua cultura e seu orgulho, motivo pelo qual a cultura surda deve ser estudada e disseminada como patrimônio imaterial de um povo.
- d. **O respeito às variações sociolinguísticas da Libras** – como qualquer língua humana, a Libras é constituída por um conjunto de variedades, o que quer dizer que essa língua varia e muda (com o tempo). Como língua e sociedade estabelecem relações indissociáveis, as variações linguísticas são sempre motivadas por fatores sociais, externos às línguas, mas que as afetam, subdivididos em variações diatópica, diastrática e diafásica. Compreender a variação não como erro, mas como um processo constitutivo das línguas é imprescindível para a formação docente e para o respeito às diferenças.

Os referenciais curriculares aqui descritos visam sobretudo à disseminação da Libras no âmbito acadêmico, em conformidade com o que preconiza a Lei de Libras nº 10.436/2002 – estabelecendo habilidades e competências a serem alcançadas no ensino da Libras como L1 no Ensino Superior, com vistas à formação de professores capazes de lidar com o ensino de Libras nos diversos níveis da Educação Básica e Superior. Os resultados das habilidades e competências aqui propostas vão certamente repercutir não só nas atividades de ensino, mas também nas de pesquisa e de extensão, tríade que compõe o Ensino Superior no Brasil.

O público-alvo das diretrizes curriculares que compreendem o ensino de Libras como L1 no Ensino Superior é formado por alunos do curso de Letras-Libras, Licenciatura e Pedagogia Bilíngue. A proposta é de se estabelecer diretrizes para serem incorporadas nesses cursos que irão formar professores de Libras e professores bilíngues que poderão atuar especificamente com o ensino de Libras como L1 em todos os níveis escolares.

Os cursos de Letras-Libras e de Pedagogia Bilíngue para surdos precisam incorporar na formação de seus alunos o ensino de Libras como L1, de modo a garantir que esses futuros professores tenham condições de lidar com essa questão fundamental no contexto da educação bilíngue de/para surdos na rede regular de ensino no país.

Os alunos desses cursos são tanto surdos como ouvintes, ou seja, são sinalizantes de Libras como L1 ou como L2. Esse assunto precisa ser considerado nos currículos dos cursos de Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue, pois envolvem alunos em condições diferenciadas em relação à Libras. Em paralelo à formação dos alunos para se tornarem professores de Libras e pedagogos bilíngues, os cursos terão que garantir espaço no currículo para ensinar a Libras como L2 para alunos que têm a Libras como L2, que é o caso da maioria dos ouvintes. Nesse sentido, o quadro de referência de ensino de línguas, considerando a Libras como L2,² é uma diretriz para o ensino de Libras nessa perspectiva.

Neste documento, o foco será o ensino de Libras como L1 na formação superior de professores e pedagogos para atuarem na Educação Básica, considerando alunos surdos e surdocegos, pessoas surdas com outras deficiências associadas e pessoas com deficiência auditiva, que se comunicam por meio da Libras.

Esses cursos também irão se debruçar nos demais aspectos que envolvem a formação em Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue, tais como o Ensino de Libras como L2, o Ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos e demais conteúdos intrínsecos aos respectivos cursos para a formação na área. Para esses conteúdos, serão elaborados documentos específicos conforme demandas instituídas pelo Ministério da Educação.

Fundamentos para pensar a Libras na universidade

O ensino de Libras como L1 tem um papel importante na formação do professor nessa área do conhecimento, porque esse docente, quando formado, vai lidar diretamente com o ensino da Libras em diversos contextos educacionais, dentre eles com o ensino da Libras para surdos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, Médio e Superior. No caso específico da Educação Básica, é imperativo esclarecer que a maioria das crianças surdas brasileiras nasce em famílias de pais ouvintes que não são fluentes na Libras ou sequer sabem essa língua.

Pesquisas evidenciam que grande parte dessas crianças terão seu primeiro contato com a Libras na escola (QUADROS et al., 2018), normalmente entre 6 e 12 anos de idade. Considerando a aquisição da linguagem, esse período é identificado como de aquisição tardia. Isso impacta no desenvolvimento linguístico e cognitivo da

² Disponível em: <www.libras.ufsc.br>.

criança surda, associando-se ou não a outras questões (por exemplo, surdocegueira, deficiência física, deficiência mental), e aplicando-se aos surdos indígenas e surdos de vilarejos que podem envolver outras línguas de sinais que não a Libras. Portanto, formar professores de Libras para ensinar a Libras como L1 para essas crianças torna-se mais importante ainda do que para quaisquer outras crianças quando se trata de ensino de língua materna, uma vez que, além do ensino da Libras para desenvolver competências e habilidades linguísticas da língua, os professores de Libras terão que considerar aspectos que envolvem a aquisição da linguagem na Libras e propostas de intervenção para a aquisição tardia da Libras (QUADROS; CRUZ, 2011).

O ensino de Libras como L1 no Ensino Superior, portanto, deve ser tratado consistentemente de modo teórico-metodológico, assegurando aos professores em formação uma base comum de habilidades e competências, sem, no entanto, negligenciar aspectos regionais e culturais específicos de determinados estratos sociais, a exemplo das comunidades indígenas surdas, realidade com a qual o professor de Libras egresso do Ensino Superior também precisa lidar.

Na realidade brasileira, cursos de formação de professores de línguas –cursos de Letras para as séries finais do Ensino Fundamental, Médio e Superior; e cursos de Pedagogia para a Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental – dispõem de vasta carga horária para ensinar ao futuro professor de língua conteúdos práticos e teóricos relativos às línguas-alvo, metodologias específicas para tornar adequado o ensino dessas línguas nos mais diversos contextos escolares. Para além disso, documentos oficiais norteadores estão disponíveis a docentes formados ou em formação, bem como ampla quantidade de materiais de apoio, como livros, apostilas, módulos etc., apoiados nas diretrizes para o ensino de línguas no país.

Em se tratando da Libras, no entanto, há de se considerar que se está diante de uma demanda recente no país, em que o ensino da Libras, embora previsto em lei, ainda está em implementação no cotidiano das escolas, considerando que os planos nacional, estaduais e municipais de educação ainda estão sendo implementados.

Para além de uma necessidade formativa do futuro professor de Libras, o ensino de Libras no Ensino Superior é respaldado por um conjunto de normas legais, como as que se seguem.

Constituição Federal (1988)

Em seu art. 6º, a Carta Magna prevê a Educação como Direito Social:

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988, p. 18, grifo nosso).

No art. 23, referente às competências da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, inciso V, a Constituição determina que esses entes federados devem "**proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação**, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação" (BRASIL, 1988, p. 29, grifo nosso).

Por fim, destaca-se o Capítulo III da Constituição Federal, "Da Educação, da Cultura e do Desporto", o qual, no art. 205, prescreve:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 123, grifo nosso).

Embora a Constituição não verse diretamente sobre a questão específica da Libras (e nem poderia, já que se trata de um documento que assegura direitos amplos), por analogia, pode-se deduzir que o acesso e a permanência das pessoas na escola passam, necessariamente, pela compreensão da educação **como Direito Social que deve ser assegurado pelo Estado brasileiro, independentemente de condição sensorial, a qualquer um dos seus cidadãos.**

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 1996)

Em conformidade com a LDB (1996), o Ensino Superior tem por objetivos:

- I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV – promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V – suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.
- VIII – atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares. (p. 32).

As diretrizes traçadas neste documento preconizam e asseguram, por meio do ensino da Libras como L1, o desenvolvimento cultural e linguístico; e o pensamento científico e crítico voltado para a formação de profissionais aptos a atuarem no mercado de trabalho, sobretudo nos contextos de educação bilíngue. Também visa a um aprimoramento da Educação Básica, tendo a Libras como mecanismo de expressão linguístico-cultural, como objeto científico de análise em suas diversas faces (gramatical, discursiva, literária) e como base para integrar surdos e ouvintes na sociedade civil, por meio dos conhecimentos científicos, dos bens culturais e dos recursos tecnológicos, tendo o ensino, a pesquisa e a extensão como plataformas para atender a essas demandas.

Um currículo de Libras como L1, portanto, não se restringe a uma demanda de mercado de trabalho, mas envolve princípios mais abrangentes relativos às demandas sociais histórico-culturais, científicas e tecnológicas concernentes a determinado campo do saber, no caso em pauta, a Libras.

Lei de Libras nº 10.436/2002

A partir da criação desse documento, diversas demandas começam a ganhar espaço dentro da sociedade, porque agora há um ato oficial que estabelece a Libras, em seu art. 1º, "como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados". Como corolário, a Lei em pauta assegura, em seu art. 2º, "por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil".

Outro ponto importante da Lei de Libras encontra-se no art. 4º: "O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais [...]". Isso tem impacto positivo no atendimento a demandas antigas no âmbito educacional do Ensino Superior, e é justamente nesse nível de ensino que uma série de fatos começam ganhar destaque, se comparados à Educação Básica. Ao contrário do que ocorre nas escolas (Educação Básica), dificilmente um curso de licenciatura no Brasil deixa de ofertar a disciplina de Libras, e isso é, indubitavelmente, graças à Lei de Libras. Nessa direção, centenas de professores de Libras passaram a integrar o corpo docente de professores universitários em instituições públicas e privadas.

O Ensino Superior, em especial as licenciaturas, passa a ter a Libras como componente curricular obrigatório, o que começa a dar visibilidade a essa língua até então pouco conhecida pela comunidade acadêmica.

Decreto nº 5.626/2005

O Decreto nº 5.626/2005 regulamenta a Lei nº 10.436/2002 e detalha políticas relativas à implementação da Libras nos espaços educacionais brasileiros, bem como ao direito linguístico do surdo por meio da Libras nos ambientes escolares e de saúde. Em conformidade com esse Decreto, "considera-se **pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais**, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras" (art. 2º).

Ademais, o Decreto estabelece:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior **deve ser realizada em nível superior**, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

[...]

Art. 14 As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. (grifo nosso).

Portanto, garantias fundamentais para a implementação da Lei de Libras passam a ser asseguradas pelo referido Decreto, destacando-se, para os fins específicos desta proposta curricular, a oferta da disciplina de Libras na formação de qualquer professor, da Educação Infantil ao Ensino Superior, em todas as instituições brasileiras, e tendo as instituições federais a obrigatoriedade de garantir "às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação". Logo, pode-se concluir que **o uso e o ensino da Libras** passam a gozar de espaços acadêmicos antes

negligenciados, donde decorre a necessidade de traçar diretrizes sobre **o que ensinar e como ensinar Libras**.

Plano Nacional de Educação Lei nº 13.005/2014

A Meta 4.7 menciona a Educação Bilíngue de Surdos conforme segue:

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais – Libras como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos.

Essa referência, portanto, exige que tenhamos professores bilíngues e professores de Libras para atuarem nesses espaços bilíngues da educação básica.

Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2009)

A Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência, promulgada no Brasil como Emenda Constitucional, por meio do Decreto nº 6.949/2009, sob o lema “**nada sobre nós sem nós**”, traz também importantes contribuições para o contexto educacional, social e cultural, a saber:

a. Acessibilidade

Artigo 9º, 2, e) Oferecer formas de assistência humana ou animal e serviços de mediadores, incluindo guias, leitores e **intérpretes profissionais da língua de sinais**, para facilitar o acesso aos edifícios e outras instalações abertas ao público ou de uso público. (grifo nosso).

b. Liberdade de expressão e de opinião, e acesso à informação

Artigo 21, b) Aceitar e facilitar, em trâmites oficiais, **o uso de línguas de sinais**, braille, comunicação aumentativa e alternativa, e de todos os demais meios, modos e formatos acessíveis de comunicação, à escolha das pessoas com deficiência;

[...]

e) Reconhecer e promover **o uso de línguas de sinais**. (grifo nosso).

c. Educação

Artigo 24, 3, b) Facilitação do aprendizado da *língua de sinais* e promoção da *identidade linguística da comunidade surda*;

c) **Garantia de que a educação de pessoas, em particular crianças cegas, surdocegas e surdas, seja ministrada nas línguas e nos modos e meios de comunicação mais adequados ao indivíduo** e em ambientes que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico e social. (grifo nosso).

d. Participação na vida cultural e em recreação, lazer e esporte

Artigo 30, 4. As pessoas com deficiência farão jus, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, a que sua identidade cultural e linguística específica seja reconhecida e apoiada, incluindo as *línguas de sinais e a cultura surda*. (grifo nosso)

Destaca-se a consideração da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência pelas línguas de sinais (no caso do Brasil, sobretudo, a Libras) como meio de acesso à educação e à cultura, dois direitos básicos assegurados ao cidadão brasileiro pela Constituição Federal de 1988. A Libras, por conseguinte, deve fazer parte da formação daqueles que lidarão diretamente com surdos nos espaços educacionais: os professores.

Lei Brasileira de Inclusão (LBI – 2015)

A LBI tem por finalidade assegurar e promover condições de igualdade às pessoas com deficiências com vistas ao exercício pleno da cidadania. Dentre as tantas formas de comunicação previstas na referida Lei, destaca-se a Libras (art. 3º). No Capítulo IV, Do Direito à Educação, lê-se:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: [...]

IV - oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas. [...]

XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema Braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação. (grifo nosso).

Além das demandas mencionadas previstas pela LBI sobre o direito assegurado ao surdo de ter educação bilíngue, tendo a Libras como L1, e ao ensino da Libras, o referido documento traz ampla explicitação quanto à necessidade do tradutor intérprete de Libras nos mais diversos contextos sociais.

Destaque-se, ainda, o art. 68, §3º: "**O poder público deve estimular e apoiar a adaptação e a produção de artigos científicos em formato acessível, inclusive em Libras**" (grifo nosso), por se tratar de uma demanda real, pois apesar de se constatar um aumento na produção e na veiculação de informação científica no Brasil, em Libras, ainda é necessário expandir quantitativamente a produção do conhecimento nessa língua. Há de se fazer jus à *Revista Brasileira de Vídeo-Registos*,³ da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e à *Revista Roseta*, periódico da Associação Brasileira de Linguística (Abralin),⁴ que aceitam publicação de artigos científicos em Libras. É na UFSC que também surgem as primeiras teses publicadas em Libras. Os surdos Fernanda Machado e Nelson Pimenta são os primeiros pesquisadores brasileiros a escrever suas teses, defendê-las e publicá-las em Libras, o que constitui marco acadêmico e valorização linguístico-cultural da Libras.

Do ponto de vista legal, o Brasil dispõe de vasta legislação que assegura o direito linguístico de acesso à comunicação e à informação por meio da Libras, especialmente no campo educacional, portanto a formação inicial e continuada em nível superior dos professores de Libras é essencial e deve primar por valores e diretrizes que atendam de maneira substancial às demandas existentes.

³ Ver: <<https://revistabrasileiravrLibras.paginas.ufsc.br>>.

⁴ Ver: <<http://www.roseta.org.br/pt/>>.

2. A relação entre a Libras e o conhecimento científico no Ensino Superior

O Brasil vivencia conquistas importantes na legislação nacional e na implementação de políticas públicas, cuja regência caminha rumo à possibilidade de os surdos exercerem sua cidadania a partir da língua de sinais, das identidades e da cultura surda. O direito de ser surdo perpassa pelo direito de significar o mundo em sua diferença.

A diferença surda é uma maneira legítima de estabelecer relações sociais, como qualquer outra diferença humana. Essa diferença é fundamental e ganha empoderamento de modo a garantir a produção de saber e a organização de produtos e serviços, a partir dessa maneira específica de se posicionar e de compreender a realidade. Nesse sentido, a produção de conhecimento científico, bem como a produção de riquezas para o país, avança a um novo patamar com a Libras e a diferença surda que ampliam perspectivas, possibilidades e, principalmente, o entendimento humano na busca de soluções diante das demandas e dos desafios que se apresentam.

A Libras e a diferença surda perpassam pelos mais diversos campos disciplinares de produção de saberes, proporcionando uma dimensão nova na produção de ciência e tecnologia no país e, assim, contribuindo diretamente para a melhoria da qualidade de vida dos brasileiros.

A Libras também permite (e amplia) o acesso ao conhecimento e à divulgação da ciência e da tecnologia, uma vez que são produtos da humanidade, promovendo a disseminação do conhecimento científico e a universalidade da educação, em todos os níveis. Assim, a Libras, no contexto do Ensino Superior, é fundamental na produção e na promoção de saberes.

O conhecimento científico, por meio da ciência e da tecnologia, está posto como possibilidade de desenvolvimento, o que exige a formação de recursos humanos críticos e criativos, de maneira a atuarem perante a complexidade social brasileira. Para isso, é preciso reconhecer a complexidade do comportamento humano e a riqueza epistemológica do mundo, incluindo as epistemologias surdas.

O real é muito mais complexo do que se apresenta e, por isso, não pode ser reduzido ao que existe, ou melhor, ao que se tem acesso. De acordo com Santos (2002, 2009), o entendimento que o ser humano tem sobre a realidade é parcial, incompleto e limitado, apesar de se apresentar como a única possibilidade. O grande desafio da ciência, materializada nas mais diferentes disciplinas, é não isolar e não ocultar os fenômenos que subterfujam essa realidade, ou seja, dissipar a aparente simplicidade das coisas, que se religam, interagem e interferem, em tudo que envolve a multidimensionalidade do ser humano, sua ação e seus produtos. Nesse sentido, o princípio do pensamento complexo, proposto por Morin (2006), convida a refletir sobre o conhecimento multidimensional, que distingue os diferentes saberes, sem os isolar, e, principalmente, reconhece a necessidade dos indivíduos por um saber não fragmentado, não compartimentado e não redutor.

De alguma maneira, o pensamento complexo implica o reconhecimento de um princípio de incompletude e de incerteza, que move as pessoas em busca de melhores condições de vida. Na sua incompletude, o ser humano busca o conhecimento para superar limites, identificando sua interdependência e se fortalecendo pelas relações, interações e associações com seus pares e recursos da natureza. Entretanto, só aumentando o campo das experiências é possível avaliar melhor as possibilidades disponíveis. Para isso, mais uma vez, os saberes surdos, com suas línguas de sinais, são fundamentais. Ora, considerando a língua de sinais como um produto da cognição, da criatividade e da interação humana, e que evidencia uma forma específica de conceber a realidade, ela nos proporciona, junto com a diferença surda, uma visão complementar e suplementar que perpassa pela produção de saberes e pelo conhecimento científico.

De acordo com Morin (1998, 2002, 2006), entre os procedimentos que envolvem a produção de conhecimento científico, acontecem a seleção e a rejeição de dados, bem como ações de separar, unir, hierarquizar e centralizar o conjunto de informações que se apresentam, com base em paradigmas que fundamentam a visão das coisas e do mundo. Dessa maneira, por trás de todo conhecimento há sempre um paradigma que estrutura o pensamento e comanda os seres humanos em seu modo de aprender, pensar e agir.

Ainda assim, na compreensão de determinado fenômeno, o pesquisador, como todo ser humano, em qualquer situação, está diante de todas as nuances que compõem sua condição humana. O ser humano é complexo e plural, cognoscente, sociopolítico-cultural, com aptidões para produzir, construir, apr(e)ender, conhecer e

evoluir em busca do exercício da sua cidadania e da conquista da autonomia. Toda essa complexidade envolve sua natureza biológica, psíquica, social, afetiva e racional; mais ainda, a loucura, o prosaico e o poético. Para Morin (1998, 2002, 2006), o método, compreendido como travessia geradora de conhecimento e de sabedoria, que se apoia em uma sequência inicial de ações, deve se preparar para receber o inesperado e modificar suas ações em função das informações que surgem. Como consequência, a busca deve ser aberta e evolutiva, e deve enfrentar o imprevisto, aprendendo com erros e exigindo competência, iniciativa, decisão e reflexão. Por fim, o método se constitui como uma atividade de um sujeito que é capaz de aprender, de inventar e de criar sobre e durante o caminho.

Isso exige uma ciência sistêmica (melhor, *ciências sistêmicas*) como um dos princípios da complexidade que, percebendo o objeto constituído pelas interações entre elementos, articula o que é separado pelas disciplinas tradicionais e abarca a condição humana em sua diversidade, sua subjetividade, seu ambiente, suas questões econômicas, entre outras, com implicações educativas, epistemológicas e éticas.

Assim, o pensamento complexo visa mover, conjugar e articular os diversos saberes compartimentados nos mais variados campos do conhecimento, sem perder a essência e a particularidade de cada fenômeno (MORIN, 1998, 2002, 2006).

Dessa maneira, não se pode desperdiçar experiências, nem reduzir a diversidade epistemológica do mundo. De acordo com Santos (2002, 2009), o conhecimento é mais amplo do que a leitura de uma única possibilidade. A diversidade do mundo é inesgotável e abrange diferentes epistemologias – por isso a necessidade de uma perspectiva heterogênea da realidade. Como possibilidade, o autor propõe um sistema de relações ecológicas com base na pluralidade de saberes em interação sustentável. Isso remete a práticas sociais não destrutivas, em benefício mútuo.

Para isso, a monocultura do saber deve ser questionada com a identificação de outros saberes e critérios de rigor científico, levando em consideração o contexto e os modos de produção situados e suas consequências. Ou seja, trata-se de uma ecologia dos saberes a considerar práticas sociais que operam em contextos declarados não existentes. Nessa lógica, não há saber nem ignorância em totalidade, e sim uma incompletude entre os saberes. Desse princípio, surge a possibilidade de diálogo e de disputa epistemológica.

Ainda como estratégia das relações ecológicas, Santos (2002, 2009) propõe uma sociologia das ausências cujo objetivo é transformar objetos impossíveis em possíveis e, assim, transformar ausências em presenças. Isso consiste em revelar a diversidade de práticas sociais e legitimá-las. Tornar-se presença significa considerar alternativas às experiências hegemônicas, criar condições para ampliar o mundo e dilatar o presente.

A emergência de epistemologias adjetivadas, marcando atores, saberes e contextos distintos, é uma maneira de evitar o desperdício da experiência humana. É preciso legitimar a coletividade como construída pela diferença; conhecer e valorizar a experiência social. Esse é o imperativo de epistemologias surdas, de acordo com toda a complexidade que envolve a língua de sinais e a diferença surda, elementos que contribuem para uma ciência de múltiplas perspectivas (DE CLERCK, 2010; FRIEDNER, 2016; LADD, 2003; LADD; LANE, 2013, PAUL; MOORES, 2010, PERLIN, 2003). Aliás, “uma sociedade democrática e pluralista deve encorajar indivíduos e grupos a (adquirir poder para) viver de acordo com suas próprias visões” (DE CLERCK, 2010, p. 442). Isso inclui a implementação de produtos e serviços na perspectiva da diferença, com reflexões e estratégias específicas.

Conforme mencionado anteriormente, a Libras não apenas soma, mas potencializa e amplia o acesso do povo brasileiro, principalmente dos surdos, ao conhecimento e à divulgação da ciência e da tecnologia. Surdos produzem conhecimento com base na diferença surda e na Língua de Sinais. E, atualmente, a Libras se configura como uma língua acadêmica, fundamentada na produção de conhecimento científico sobre a Libras e em Libras, com a presença (protagonista) de pessoas surdas em cursos de formação superior, no nível da graduação e da pós-graduação.

A legislação brasileira assegura o uso e a difusão da Libras e de outros sistemas de expressão associados a ela, como prática social, de maneira que a circulação de conhecimento passa a acontecer em Libras, tanto em vídeo quanto em escrita de sinais. Uma menção explícita nesse sentido é a Lei nº 13.146/2015 (Lei de Inclusão), mencionada anteriormente.

Os princípios de complexidade e diversidade epistemológica do mundo são condizentes com o avanço da ciência e da tecnologia, e incitam a construção de conhecimento por meio de diferentes disciplinas, saberes e experiências compartilhados. Isso habilita o indivíduo a lidar com a complexidade do real.

A língua brasileira de sinais, por ser uma língua natural, persiste como um dos pilares dessa complexidade epistemológica na busca por novos significados e novas interpretações da realidade.

Diante dessas demandas de produção e circulação de conhecimento científico e tecnológico, o ensino de Libras como L1 para estudantes surdos em cursos de Letras-Libras, de Pedagogia Bilíngue e nos demais cursos de Ensino Superior deve inserir os estudantes em reflexões sobre estruturas linguísticas, assim como o uso, o consumo, a produção e a disseminação de conhecimentos científicos e saberes acadêmicos em Libras.

3. Objetivos do ensino de Libras no Ensino Superior

O ensino de Libras como L1 no Ensino Superior deve atender a múltiplas demandas, a saber: a) aprofundamento crítico e descritivo dos conteúdos estudados na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio); b) fundamentação para a descrição e análise da língua; c) apresentação de metodologias voltadas para o ensino da Libras como L1; d) acesso aos recursos tecnológicos para descrição, documentação e guarda da Libras, tendo em vista ser essa língua patrimônio sociocultural e histórico de um povo – o surdo. Diante dessa perspectiva, o ensino de Libras como L1 no Ensino Superior tem por objetivos:

1.	Ensinar a Libras como sistema linguístico e semiótico de organização cognitiva e linguística da realidade em diversos contextos sociais, culturais e históricos, com a finalidade de estabelecer interação entre usuários dessa língua.
2.	Aprofundar os conhecimentos sobre a Libras como sistema linguístico e semiótico de organização cognitiva e linguística da realidade em diversos contextos sociais, culturais e históricos, com a finalidade de estabelecer interação entre usuários dessa língua.
3.	Estudar os aspectos linguísticos da Libras em todos os níveis de análise: fonológicos, morfológicos, sintáticos, semântico-pragmáticos e textual-discursivos.
4.	Desenvolver competências e habilidades para análise, interpretação e uso de diversos recursos da Libras para a produção de textos sinalizados, no âmbito social e acadêmico, estruturados com base em diversos gêneros do discurso, de cunho mais ou menos formal.



LER EM
LIBRAS



Accesse também pelo link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7PxbImizLDXOGx32TZIRumOL1zd>

5.	Aprofundar a leitura, a interpretação e a produção de diversos textos em Libras, de diferentes gêneros textuais, identificando e utilizando elementos de coesão e coerência.
6.	Disponibilizar processos pedagógicos que favoreçam a análise da Libras e a autoanálise dos próprios usos da língua por meio de recursos tecnológicos respaldados nos conhecimentos aprofundados sobre a Libras.
7.	Criar condições de aprofundamento sobre a Libras como língua geradora de relações intersubjetivas, integradora da realidade dos usuários e constitutiva da identidade do surdo.
8.	Oferecer visão geral sobre os estudos da aquisição da linguagem em crianças surdas, compreendendo os estágios de aquisição em crianças filhas de pais surdos e as questões implicadas pela privação da linguagem em crianças surdas, especialmente, filhas de pais ouvintes.
9.	Apresentar pesquisas sobre a aquisição da linguagem e o período crítico, e fazer uma análise das implicações na educação de surdos.
10.	Propiciar o uso de recursos tecnológicos associados à descrição e à análise da Libras, sua documentação e seu armazenamento em bancos de dados nacionais e internacionais.
11.	Desenvolver propostas metodológicas de ensino de Libras como L1 apropriadas aos diferentes níveis escolares, incluindo a especificidade da aquisição da Libras nos primeiros anos de vida na educação infantil para crianças surdas e surdocegas; pessoas surdas com outras deficiências associadas; e pessoas com deficiência auditiva que se comunicam por meio da Libras.
12.	Desenvolver propostas metodológicas de intervenção no desenvolvimento da linguagem dos alunos surdos e surdocegos; pessoas surdas com outras deficiências associadas; e pessoas com deficiência auditiva, que se comunicam por meio da Libras em casos de aquisição tardia.
13.	Conhecer maneiras de avaliar a Libras como L1 nos diferentes níveis escolares.

4. Competências e habilidades em Libras no Ensino Superior

Competências e habilidades em Libras no Ensino Superior estão diretamente relacionadas com os objetivos, e foram pensadas considerando estudantes, surdos e ouvintes, de licenciatura em Letras-Libras e de licenciatura em Pedagogia Bilíngue. Esta seção também contempla a formação de estudantes surdos de outros cursos de graduação que desejem aperfeiçoar suas áreas de conhecimento e os saberes acadêmicos em Libras.

Diante dessa premissa, os estudantes devem construir competências e habilidades de maneira que saibam mobilizar conhecimentos necessários durante sua atuação profissional, em situações complexas e reais. Estudantes de Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue atuarão na Educação Escolar Bilíngue de Surdos, desenvolvendo, por sua vez, competências e habilidades de alunos surdos em Libras como L1.

Assim, foram organizadas oito competências específicas que agrupam suas respectivas habilidades. Competência é definida como a capacidade de ação diante de uma situação concreta, podendo ser entendida com base em habilidades dentro de comportamentos observáveis.

1.	Compreender e usar a Libras como sistema linguístico e semiótico de organização cognitiva e linguística da realidade em diversos contextos sociais, culturais e históricos, com a finalidade de estabelecer interação entre usuários dessa língua.
2.	Analisar, interpretar e usar os diversos recursos de que a Libras dispõe para a produção de textos sinalizados, no âmbito social e acadêmico, estruturados em diversos gêneros do discurso, de cunho mais ou menos formal.



LER EM
LIBRAS



Acesse também pelo link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7PxblmiZLDXOGx32TZIRumOL1zd>

3.	Ler, produzir e interpretar textos diversos em Libras, confrontando opiniões e argumentos de maneira coesa e coerente.
4.	Compreender e usar a Libras como língua geradora de relações intersubjetivas, integradora da realidade dos usuários e constitutiva da identidade do surdo.
5.	Compreender e analisar a Libras, considerando seus aspectos linguísticos, artísticos e literários.
6.	Compreender os estágios de aquisição da linguagem na Libras para identificar os níveis de desenvolvimento da linguagem dos alunos surdos no período escolar.
7.	Assimilar, articular e sistematizar conhecimentos teóricos e metodológicos para a prática de aquisição e do ensino da Libras como L1.
8.	Aplicar recursos tecnológicos para descrição e análise da Libras, sua documentação e seu armazenamento em bancos de dados nacionais e internacionais.

A seguir, apresentamos as habilidades esperadas que correspondem a cada uma dessas competências.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1

Compreender e usar a Libras como sistema linguístico e semiótico de organização cognitiva e linguística da realidade em diversos contextos sociais, culturais e históricos, com a finalidade de estabelecer interação entre usuários dessa língua.

Essa competência específica indica que os estudantes devem reconhecer a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de complexidade e atributos comparáveis a qualquer outro sistema dessa natureza, e, como língua natural, imprescindível e fundamental para o desenvolvimento cognitivo, linguístico, educacional, político e social de pessoas surdas.

Além disso, essa competência também compreende que os estudantes devem fazer uso da Libras de maneira satisfatória entre os usuários dessa língua, em diferentes contextos.

Habilidades

Reconhecer a Libras como sistema linguístico e semiótico, de natureza complexa, completa e que atende às demandas de interação e de envolvimento com o mundo de sua comunidade linguística.

Reconhecer as propriedades da Língua Brasileira de Sinais como língua natural, bem como suas especificidades como sistema individual perante outras línguas de sinais e línguas orais.

Reconhecer e compreender a Libras como oriunda de uma manifestação linguística e cognitiva do contato entre surdos brasileiros, constituindo-se como patrimônio histórico, linguístico e cultural.

Compreender e utilizar a Libras em diferentes níveis de registro e em diferentes situações semântico-pragmáticas da língua em uso.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2

Analisar, interpretar e usar os diversos recursos de que a Libras dispõe para a produção de textos sinalizados, no âmbito social e acadêmico, estruturados em diversos gêneros do discurso, de cunho mais ou menos formal.

A Libras é uma língua brasileira e está circulando de maneira cada vez mais robusta entre a sociedade, assumindo o papel que lhe é de direito, nos mais diversos ambientes e situações comunicativas. Nesse sentido, essa competência específica indica que os estudantes devem se apropriar de conhecimentos, inerentes ao sistema, para a produção de textos em Libras, independentemente do gênero e do suporte textual em que os textos são veiculados.

Para isso, os alunos devem ter a oportunidade de experienciar situações de análise, interpretação e uso de textos em Libras a fim de construir essa capacidade e, assim, fazer uso de maneira funcional e eficaz desses mecanismos. Tais situações pressupõem a implementação de ações que favoreçam um ambiente bilíngue, em que a Libras possa circular de maneira espontânea e ativa, através de diferentes usuários se expressando por meio dela em vários contextos de uso.

Habilidades

Identificar os tipos de registro e os diversos gêneros de textos em Libras, sejam (corp)orais, em escrita de sinais ou em vídeos, incluindo as produções multissemióticas.

Ser capaz de selecionar informações, dados e argumentos para essa produção textual, de maneira adequada às situações comunicativas e aos contextos de produção, em suas expressões mais ou menos formais.

Compreender e utilizar a Libras em sua forma (corp)orais de maneira adequada às situações comunicativas e aos contextos de produção.

Compreender e utilizar o sistema de escrita de línguas de sinais para registro, uso e difusão da Libras em suas diferentes formas de expressão, com implicações na alfabetização e no letramento de alunos surdos em língua de sinais.

Compreender os procedimentos de produção textual e de registro da Libras em vídeo, por meio das Tecnologias de Comunicação e Informação, e suas implicações no âmbito social e acadêmico.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 3

Ler, produzir e interpretar textos diversos em Libras, confrontando opiniões e argumentos de maneira coesa e coerente.

Essa competência, em particular, focaliza no uso funcional de textos em Libras, considerando habilidades que envolvam produção, leitura e interpretação. Dessa maneira, pretende-se que os alunos sejam capazes de analisar efeitos de sentido atrelados às especificidades da modalidade gestual-visual, no que se refere ao desempenho do corpo, de gestos e do uso do espaço, bem como ao contexto da língua em uso, de maneira a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de apreciação.

Em consequência, os alunos devem ser capazes de planejar, produzir, revisar e interpretar textos em Libras, seja na modalidade (corp)oral e escrita ou registrados em vídeo, bem como textos multissemióticos. Os alunos também devem conseguir, nesse processo, considerar o lugar social do texto a ser assumido; o discurso que se pretende passar em relação ao conteúdo, ao gênero e ao contexto imediato e socio-histórico; e os interlocutores envolvidos.

Habilidades

Compreender os diferentes processos de produção e de negociação de sentidos em textos em Libras, sejam (corp)orais, em escrita de sinais ou em vídeos, incluindo produções multissemióticas.

Compreender as condições de produção textual em Libras, as relações lógico-discursivas envolvidas e de que maneira as partes do texto se relacionam.

Compreender e utilizar diferentes recursos léxico-gramaticais que operam na elaboração de textos em Libras, de gêneros diversos, de maneira crítica e criativa, considerando os contextos de produção, as diferentes situações e as especificidades da Língua Brasileira de Sinais.

Compreender e utilizar estratégias e coesão e coerência no discurso sinalizado considerando os contextos de produção, as diferentes situações e as especificidades da língua brasileira de sinais.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4

Compreender e usar a Libras como língua geradora de relações intersubjetivas, integradora da realidade dos usuários e constitutiva da identidade do surdo.

Os alunos devem compreender que as experiências de vida dos surdos na esfera do cotidiano, principalmente em torno da linguagem, alicerçam a diferença surda, fazendo com que os surdos sejam pertencentes a uma comunidade linguística com valores sociais, históricos, políticos e culturais.

O contato surdo-surdo é um fenômeno importante para que os surdos encontrem essa diferença e, por meio da língua de sinais, tenham a sensação de completude e de pertencimento. O fenômeno da identidade-diferença é inerente ao ser humano e a diferença surda proporciona uma visão de mundo e uma interpretação da realidade únicas, por meio das quais os surdos estabelecem relações sociais.

É por meio da língua (de sinais) que os sujeitos se constituem, constroem suas identidades (em um processo que nunca para de acontecer) e ocupam espaços de transformação. Com a língua de sinais, os surdos têm à disposição múltiplas subjetividades, oriundas da diferença surda para que, assim, possam se constituir como sujeitos em toda a sua complexidade.

Para tanto, essa competência específica deve proporcionar aos estudantes a compreensão do papel da Libras na efetivação desses processos. Essa competência é fundamental, também, na legitimação de saberes dos surdos e da produção de conhecimento da diferença surda.

Habilidades

Compreender e reconhecer o papel da Libras na construção da subjetividade dos sujeitos surdos, bem como na constituição de seus usuários, com implicações de ordem política, histórica, social e cultural.

Compreender e reconhecer processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, relacionados à Libras e aos surdos brasileiros.

Posicionar-se de maneira intercultural diante da Libras e da Comunidade Surda, reconhecendo e legitimando a diferença surda em suas diferentes formas de manifestação.

Reconhecer a maneira específica de compreender a realidade e de se posicionar no mundo, de acordo com a diferença surda (especificamente dos surdos brasileiros), legitimando as epistemologias surdas oriundas da Libras e dos saberes surdos.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5

Compreender e analisar a Libras, considerando seus aspectos linguísticos, artísticos e literários.

Essa competência específica indica que os estudantes devem ser capazes de compreender e analisar as propriedades linguísticas da Libras como língua humana natural, bem como compreender os efeitos da modalidade gestual-visual-espacial na aquisição, no processamento e na organização das línguas de sinais.

Além disso, os estudantes devem ser capazes de compreender as relações sociais e as concepções de mundo dos sinalizantes surdos brasileiros, por meio de suas manifestações artísticas, culturais e literárias.

Habilidades

Compreender e analisar a estrutura e o funcionamento da Libras, em seus aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos-pragmáticos e textual-discursivos. Essa habilidade envolve compreender a integração entre esses diferentes níveis de análise, bem como reconhecer e valorizar as variedades linguísticas da Libras e suas implicações sociais.

Compreender e analisar criticamente diferentes manifestações culturais do povo surdo brasileiro, identificando tais manifestações como parte do repertório artístico nacional.

Compreender e analisar criticamente as produções literárias em Libras, compreendendo a literatura surda brasileira como dialogicamente constituinte da literatura nacional.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6

Compreender os estágios de aquisição da linguagem na Libras para identificar os níveis de desenvolvimento da linguagem dos alunos surdos no período escolar.

É por meio da linguagem que o ser humano se insere no mundo, aprende a se comunicar, a pensar e a se organizar internamente. Nesse sentido, essa competência específica foca na compreensão dos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem de surdos, principalmente durante o período escolar. Os estudantes, futuros profissionais, devem ser capazes de avaliar adequadamente o perfil linguístico de alunos surdos em língua de sinais, para o acolhimento dessas crianças, a institucionalização de estratégias de aquisição e de ensino de Libras como primeira língua e o estabelecimento de intervenções específicas.

Aqui, ressalta-se a importância do atendimento de crianças surdas oriundas de famílias ouvintes, que geralmente têm um perfil linguístico específico, porque são pouco expostas à língua de sinais na infância. A falta de exposição precoce à língua de sinais coloca os surdos em situação de risco devido a atrasos na aquisição e no desenvolvimento da linguagem. Por isso a necessidade dos estudantes em compreender esses processos de aquisição para uma avaliação adequada do perfil linguístico de alunos na escola.

Habilidades

Compreender o processo de aquisição da linguagem na Libras, considerando as etapas, o período e as especificidades do ambiente linguístico em que as crianças surdas estão inseridas.

Identificar se o nível de desenvolvimento da linguagem de alunos surdos está adequado para determinada fase de escolarização.

Identificar desempenho atípico de alunos surdos em relação ao nível de desenvolvimento da linguagem, o qual está inadequado para determinada fase de escolarização.

Reconhecer a necessidade de acesso da criança surda à língua brasileira de sinais o mais precoce possível para seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, social e cultural adequado.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 7

Assimilar, articular e sistematizar conhecimentos teóricos e metodológicos para a prática de aquisição e do ensino da Libras como L1.

Essa capacidade específica indica que os estudantes devem ser capazes de implementar ações que promovam a aquisição da Libras como primeira língua por crianças surdas, a começar pela observação e pela avaliação do processo de aquisição de linguagem. Os estudantes também devem ser capazes de mobilizar e sistematizar conhecimentos para o ensino de Libras como primeira língua.

Ressaltamos que é por meio da língua que o sujeito se constitui e se relaciona com o mundo. Quanto mais nos envolvemos com nossa(s) língua(s), mais nos apropriamos da complexidade que cerca o ser humano, em sua constituição cognitiva, psicológica, histórica, política, social, cultural, entre outras. A escola é um espaço fundamental para que os surdos tenham contato com seus pares e com a língua de sinais, e deve oportunizar experiências de mundo através da aquisição e do ensino de Libras como L1.

Habilidades

Elaborar propostas metodológicas de intervenção no desenvolvimento da linguagem dos alunos surdos em casos de aquisição tardia.

Elaborar propostas metodológicas de aquisição da Libras e ensino desta língua como L1 adequando-as aos diferentes níveis escolares dos alunos surdos.

Elaborar propostas metodológicas de aquisição da Libras e ensino desta língua como L1 para crianças surdas e surdocegas; e estudantes surdos com outras deficiências associadas (por exemplo, surdocegueira, deficiências físicas e deficiências intelectuais).

Elaborar propostas metodológicas de ensino de Libras como L1 a pessoas com deficiência auditiva que se comunicam por meio da Libras e que tenham outras deficiências associadas à surdez.

Avaliar a fluência na Libras nos diferentes níveis escolares, considerando os estágios de aquisição e fluência esperados como L1 correspondentes à faixa etária dos alunos.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 8
<p>Aplicar recursos tecnológicos para descrição e análise da Libras, sua documentação e seu armazenamento em bancos de dados nacionais e internacionais.</p> <p>Essa competência específica indica que os estudantes devem ser capazes de fazer uso de ferramentas tecnológicas de maneira a registrar, arquivar e manipular dados e informações; e fazer uso da Libras para fins educacionais, acadêmicos, sociais, de lazer, entre outros. Ressalta-se a importância de <i>corpora</i> da Libras como patrimônio imaterial linguístico-cultural nacional.</p>
Habilidades
<p>Aplicar recursos tecnológicos para autoanálise e análise da produção textual em Libras.</p>
<p>Utilizar recursos tecnológicos para produções multissemióticas, com diversas finalidades e em diversos contextos, de maneira a promover acesso, permanência e participação de pessoas surdas.</p>
<p>Manipular dados e informações da Libras por meio de recursos tecnológicos, incluindo acervo lexicográfico e terminológico.</p>
<p>Utilizar recursos tecnológicos para a circulação do conhecimento em Libras, oriundos da humanidade, incluindo a circulação de conhecimento científico e tecnológico.</p>

Tais competências e habilidades orientam as diretrizes curriculares dos cursos de Letras-Libras, licenciatura e Pedagogia Bilíngue em relação ao ensino de Libras como L1 no Ensino Superior. A seguir, serão apresentadas sugestões de temas e abordagens que podem subsidiar a proposição de disciplinas a serem compreendidas no currículo desses cursos.

5. Sugestões à formação de docentes bilíngues para o ensino de Libras como L1

As abordagens a seguir podem servir de referência para as disciplinas do curso de Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue relativas ao ensino de Libras como L1. Tais temas podem ser desdobrados em mais disciplinas, de acordo com as demandas regionais, o projeto político pedagógico dos cursos e a ênfase dada a cada currículo das instituições proponentes dos cursos.

Estudos linguísticos da Libras

Estudo da Libras como sistema linguístico. Fonologia da Libras. Morfologia da Libras. Sintaxe da Libras. Semântica e pragmática da Libras. Texto e discurso em Libras. Coerência e coesão textual na Libras. Gêneros textuais em Libras. Aspectos sociolinguísticos da Libras. Variação linguística em Libras.

Políticas linguísticas da Libras

Política linguística e planificação linguística: conceitos e relações. As línguas e a política: patrimônio imaterial. Instrumentos da política linguística: diagnósticos, legislação, programas. A emergência das minorias e dos direitos linguísticos. Políticas linguísticas relacionadas à Libras. Riscos de desaparecimento de línguas minoritárias.

Psicolinguística da Libras

Estudos sobre linguagem e pensamento. Psicolinguística no contexto das Ciências Cognitivas, das Ciências Computacionais e das Neurociências. Distúrbios de aprendizagem de língua. Estudo de modelos e teorias explicativas de aquisição, desenvolvimento, processamento, uso e análise psicolinguística da Libras. Produção e percepção da Libras.

Escrita de sinais da Libras

Sistema de escrita de sinais (SignWriting). Aquisição de sistema de escrita da Libras: grupos de configurações de mão, locações, movimentos, contatos e marcas não manuais. Práticas de leitura e de produção textual em escrita de sinais. Introdução ao uso de softwares de escrita de sinais. Continuação do processo de aquisição da leitura e escrita da Libras: aspectos marcados. Representação do espaço na escrita de sinais. O sinalário da Libras.

Estudos Surdos

Identidade e cultura surda. Comunidades surdas. Audismo. *Deafhood* (surdidade). Fatores teóricos que contribuem para a visão contemporânea da cultura surda. Encontro surdo-surdo. Subjetividade. Artefatos culturais e língua de sinais. História dos surdos. História cultural. Literatura surda. Resistências surdas. Pedagogia surda. Movimentos surdos no Brasil e no mundo.

Aquisição da linguagem

Teorias de aquisição da linguagem. Estágios de aquisição da linguagem. Período crítico. Aquisição de linguagem tardia.

Aquisição da língua de sinais

Estudos sobre a aquisição da língua de sinais. Aquisição da língua de sinais no período esperado de aquisição: filhos surdos de pais surdos. Intervenção para a aquisição da língua de sinais em bebês surdos de pais ouvintes. Privação da língua de sinais. Aquisição tardia da língua de sinais. Aquisição bilíngue: língua de sinais e língua oral e escrita.

Aquisição da Libras na educação infantil

Aquisição da linguagem no contexto escolar. Estratégias interativas na Libras com bebês surdos. Referências em Libras para exposição à Libras de bebês surdos. Aquisição da Libras pela família do bebê surdo. Interação da família em Libras com referências em Libras de professores surdos e professores bilíngues.

Linguística Aplicada ao ensino de língua materna

Visão das relações processuais entre linguagem, globalização, cultura, identidade, imagem, novas tecnologias e processos interpretativos e tradutórios da Libras, tomando como ponto de partida os estudos da Linguística Aplicada e sua transdisciplinaridade com áreas como Antropologia, Sociologia, Educação, Estudos Culturais, Novos Letramentos e Multiletramentos e Linguística Aplicada Crítica. Teorias sobre o ensino de língua materna na escola. Ensino de língua materna de

línguas ensinadas na escola. Relações dos estudos de ensino de língua materna com o ensino de Libras como L1.

Ensino de Libras como L1 para a Educação Básica em séries iniciais

Questões implicadas no ensino da Libras como L1 na Educação Básica em séries iniciais. A língua de sinais brasileira como objeto de ensino de Libras como língua de instrução e interação do espaço escolar. Estratégias para ensino da Libras como L1 para crianças em período de letramento. Letramento em Libras. Produção textual em Libras. Uso de tecnologias na produção textual em Libras. Gêneros textuais em Libras: contos, fábulas, lendas, jogos de sinais, e-mails, relatos de acontecimentos. Aplicação de diferentes gêneros textuais na internet: criação de canais de vídeo, postagens e interações em redes sociais, e publicação de textos em Libras.

Ensino de Libras como L1 para a Educação Básica em séries finais

Questões implicadas no ensino da Libras como L1 na Educação Básica em séries finais. Produção textual em Libras. Uso de tecnologias na produção textual em Libras. Gêneros textuais em Libras: contos, crônicas, notícias, resenhas, e-mail, reportagens, artigos de opinião, biografias, entrevistas, *curriculum vitae*. Aplicação de diferentes gêneros textuais na internet: criação de canais de vídeo, postagens e interações em redes sociais, publicação de textos em Libras e criação de página pessoal/blog com a sistematização de postagens em Libras. Libras em uso: variação da Libras no Brasil. Gramática da Libras.

Metodologia de ensino de Libras como L1

Propostas de ensino de Libras como L1. Libras na sala de aula: estratégias de ensino. Elaboração de materiais para o ensino de Libras como L1. Alternativas de exposição aos diferentes gêneros textuais em Libras. Criação de espaços para o uso de Libras em diferentes contextos sociais. Propostas para usos criativos da Libras em sala de aula, fora da sala de aula e na internet. Sistematização de propostas de aplicação de tecnologia para ensino de Libras como L1 na sala de aula.

Literatura em Libras

Usos criativos em Libras: poesia, narrativas, contos, fábulas, crônicas. Leitura de produções literárias em Libras. Análise das produções literárias em Libras. Leitura de produções literárias internacionais em outras línguas de sinais. Literariedade própria das línguas de sinais. Diferentes tipos de obras literárias em língua de sinais. Análise de elementos visuais comuns nas produções literárias em diferentes línguas de sinais. Aplicação dos aspectos literários aos usos criativos em Libras. Produção literária na sala de aula. Publicação das produções literárias na internet. Contação de histórias em

língua de sinais. Exploração visual e espacial do espaço nas diferentes narrativas. Narrativas surdas: produção e recepção.

Metodologia do ensino de literatura em Libras

Metodologia do ensino da literatura em Libras com base em diversos gêneros literários sinalizados. Produção de literatura surda. Adaptações de textos literários para crianças surdas. Contaçõ de história para crianças surdas. Literatura em Libras como objeto de pesquisa em sala de aula.

Educação bilíngue

Refletir sobre as representações hegemônicas e contra-hegemônicas no universo da surdez e discutir acerca das especificidades linguísticas, culturais e pedagógicas de aprendizes surdos usuários de língua de sinais. Características da didática específica desenvolvida em contextos de educação bilíngue (Libras-Língua Portuguesa) de surdos. Tipos de educação bilíngue (aprofundamento em categorias de escolas bilíngues) nas políticas públicas adotadas no Brasil e em outros países na área da educação de surdos. Estratégias educacionais na área da surdez. Processos de ensino-aprendizagem enriquecidos de artefatos multimídia contemporâneos em contextos de Educação Bilíngue de Surdos. Conhecimento teórico-prático para a produção de material didático.

Didática e educação de surdos

Teorias da aprendizagem e educação de surdos. Planejamento e ação educacional. Experiência visual dos surdos e implicações didáticas. Propostas do MEC para a educação de surdos. Relações educacionais: professor-aluno, teoria-prática, escola-sociedade, conteúdo-método. Organização do trabalho pedagógico: currículo, planejamento e avaliação na escola e em outros ambientes de aprendizagem mediados ou não pelas tecnologias de informação e comunicação. Propostas de ensino para educação de surdos. Didática e dinâmica na aula com surdos. Desenvolvimento curricular. Elaboração e utilização de materiais didáticos. Avaliação continuada.

Desenvolvimento e aprendizagem

Estudo dos processos psicológicos do desenvolvimento humano e da aprendizagem na adolescência e na fase adulta, em uma perspectiva histórica, relacionando-os com as diversas concepções de homem e de mundo, identificando a influência das diferentes teorias psicológicas na educação. Relação entre situações concretas do cotidiano do adolescente e do adulto com as concepções teóricas de aprendizagem estudadas, considerando os fundamentos psicológicos do desenvolvimento nos

aspectos biológico, cognitivo, afetivo e social na adolescência e na fase adulta por meio das principais teorias da Psicologia do Desenvolvimento.

Didática e avaliação na educação de surdos

Relações educacionais: professor-aluno, teoria-prática, escola-sociedade, conteúdo-método. O currículo na educação de surdos. Propostas metodológicas e materiais didáticos para o ensino a surdos. Diferentes modos de conceber e praticar a avaliação das aprendizagens dos estudantes. Estudo dos princípios e fundamentos do planejamento, e da avaliação, segundo paradigmas e normas legais vigentes quanto ao currículo e ao projeto pedagógico da escola de Educação Básica. Implicações pedagógicas das experiências visuais dos surdos. Planejamento da ação educacional com surdos. Didática e dinâmica nas aulas de/com surdos.

Alfabetização e letramento em Libras

Práticas e funções sociais da escrita. Práticas e funções sociais da escrita em língua de sinais. Estratégias de alfabetização de crianças surdas. Visualidade no processo de alfabetização em Libras. Textos e circulação do conhecimento. Letramento social/digital.

Produção textual em Libras

Produção de diferentes textos em Libras com identificação do público-alvo, bem como dos objetivos e do conteúdo do texto. Produção de textos de diferentes gêneros textuais. Aplicação de elementos coesivos e da coerência na produção textual em Libras. Uso de tecnologia para filmagem e edição de textos em Libras.

Libras no contexto brasileiro

Libras como língua de herança no contexto brasileiro. Relação da Libras com a Língua Portuguesa. Bilinguismo e bilingualidade: Libras e Língua Portuguesa. Libras como L1 no espaço escolar bilíngue. Libras como L1 no espaço escolar.

Tecnologias aplicadas ao estudo da Libras

Levantamento de recursos tecnológicos existentes para aplicação no estudo da Libras. Softwares gratuitos e privados para anotação da Libras. Exploração dos recursos tecnológicos disponíveis para análise gramatical e textual da Libras. Tipos de registro da Libras. Sistemas de buscas aplicados ao estudo da Libras.

Tecnologias para a produção textual em Libras

Levantamento de recursos tecnológicos que possam ser aplicados na produção em Libras: editores de vídeo, editores de imagem, produção de avatares e leitores de vídeo.

Avaliação dos níveis de fluência na Libras

Levantamento de avaliações do desenvolvimento da linguagem em crianças surdas. Aplicação de testes de avaliação dos níveis de fluência em Libras. Identificação de atrasos linguísticos em Libras no desenvolvimento da linguagem em crianças com aquisição tardia.

Intervenção linguística no desenvolvimento da Libras

Propostas de intervenção no desenvolvimento da Libras em casos de aquisição tardia. Programas e atividades de intervenção em atrasos que afetam o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento cognitivo.

Currículo e avaliação

Currículo e avaliação na educação brasileira: currículo e suas dimensões epistemológicas, históricas, didático-pedagógicas, políticas e culturais. Política do conhecimento oficial e currículo escolar como política cultural. Concepções teóricas do currículo e da avaliação. Currículo disciplinar e possibilidades de superação da disciplina. Debates contemporâneos no campo do currículo e da avaliação. Currículo e avaliação relacionados à Libras como L1.

Surdocegueira e escolarização

Conceitos e classificações em surdo-cegueira no Brasil e no mundo. A surdocegueira congênita. Principais etiologias da surdocegueira. Surdocegueira adquirida. Formas de comunicação com surdocego. O Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a pessoa com surdocegueira. A abordagem sócio-histórica e o processo de escolarização da pessoa com surdocegueira no contexto da inclusão escolar. Prática pedagógica com enfoque nas dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento; e nas dificuldades acentuadas de aprendizagem – deficiência múltipla.

Libras acadêmica

Os textos acadêmicos como textos formais: respostas, resumo, resenha, artigo, relatórios. Observação de aspectos técnicos de produção textual em Libras acadêmica associada ao uso de tecnologias por meio de produção de vídeos.

6. Sugestão de abordagens da Libras como L1 no Ensino Superior

Além da Educação Básica, alunos surdos, surdocegos, pessoas surdas com outras deficiências associadas e pessoas com deficiência auditiva que se comunicam por meio da Libras têm o direito de acesso aos conteúdos acadêmico-científicos no âmbito do Ensino Superior em Libras. Essas pessoas também devem contar com espaços nos quais a Libras como L1 seja discutida, considerando-se suas diferentes experiências, e também as referências à L1, seja como língua materna, língua nativa, primeira língua ou língua primária.

A proposta de disciplina específica, tendo como público-alvo alunos surdos, surdocegos, pessoas surdas com outras deficiências associadas e pessoas com deficiência auditiva que se comunicam por meio da Libras, favorece o aprofundamento dos conhecimentos quanto à Libras e as reflexões sobre a experiência pessoal do aluno em relação à Libras e ao português como sua segunda língua (língua do outro, língua secundária, língua estrangeira).

Assim, eis algumas sugestões de diretrizes para alunos no Ensino Superior, independentemente de serem oferecidas nos cursos de Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue, Libras ou Língua Portuguesa, compreendendo uma área contemplada para quaisquer alunos surdos ingressantes na universidade em quaisquer cursos universitários.

Orientações ao ensino de Libras L1 para alunos surdos universitários

A Libras como língua nativa/língua materna/primeira língua/língua primária dos surdos: conscientização da comunidade acadêmica de que a Libras é a L1 do surdo e deve ser utilizada por ele em todos os espaços acadêmicos, seja na sala de aula, seja na biblioteca, seja nos ambientes administrativos ou em qualquer outro ambiente da instituição.

A Libras nas comunidades surdas: a variação linguística é observada no ambiente do Ensino Superior, uma vez que surdos de diferentes comunidades linguísticas, muitas vezes de diferentes cidades ou estados, frequentam o ambiente acadêmico. É importante valorizar a diversidade na produção linguística dos surdos, respeitando essas diferenças.

Funções da Libras e da Língua Portuguesa na universidade: as línguas desempenham papel distinto na vida do surdo. Enquanto a Libras é a língua de conforto, que garante a aquisição da linguagem, as interações sociais e o acesso à informação, a Língua Portuguesa é a língua oficial do país, na qual são veiculadas as informações e o conhecimento científico para a sociedade, e que é aprendida na escola na forma escrita. No Ensino Superior, é necessário oferecer ao surdo o acesso ao conhecimento por meio da Libras, bem como a realização de atividades e avaliações de modo a garantir a aprendizagem.

O ser surdo bilíngue bimodal – Libras e Língua Portuguesa: surdos são sujeitos bilíngues por terem a língua de sinais como L1 e a língua portuguesa como L2. Existem diferentes níveis de proficiência dos surdos nessas duas línguas em função das experiências vividas individualmente; do período de aquisição da Libras pelo surdo, principalmente por aqueles nascidos em famílias ouvintes; e da relação com a Língua Portuguesa escrita. É importante levar isso consideração e desenvolver estratégias para que os surdos possam aprimorar conhecimentos acadêmicos e linguísticos.

Relações entre Libras e Língua Portuguesa no dia a dia dos surdos em interações com surdos e ouvintes no espaço universitário e na sociedade: os sujeitos surdos, por serem bilíngues bimodais, estão em contato constante com a Libras e a Língua Portuguesa, e é necessário ter em mente os contextos em que uma ou outra língua vai se sobrepor ou vai estar em evidência.

Por meio dessas questões, é possível pensar em uma ou duas disciplinas que podem contemplar essas temáticas em cursos de graduação, como por exemplo:

Libras como L1 – A Libras como língua nativa/língua materna/primeira língua/língua primária dos surdos. A Libras nas comunidades surdas. Libras como L1 no espaço universitário. Produções acadêmicas em Libras.

Libras na universidade para surdos – Funções da Libras na universidade. O ser surdo bilíngue bimodal: Libras e Língua Portuguesa. Relações entre Libras e Língua Portuguesa no dia a dia dos surdos em interações com surdos e ouvintes no espaço universitário e na sociedade.

7. Diálogos interdisciplinares dos saberes científicos com a Libras

A Libras, como grande área do conhecimento e disciplina de cursos superiores de formação de professores (Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue), traz em sua história recente a implementação do curso de licenciatura em Letras-Libras na modalidade EaD, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As primeiras turmas EaD de licenciatura foram oferecidas a partir de 2006 por meio de parceria constituída, inicialmente, por nove Instituições de Ensino Superior (IES). Posteriormente, a oferta foi ampliada para 15 instituições, e o curso de bacharelado foi incluído. Desde então, novos cursos foram surgindo e a necessidade de um currículo de Libras que direcionasse o ensino de maneira interdisciplinar, envolvendo também as dimensões educacionais, culturais, sociais, políticas e psicológicas, era iminente. Situação análoga ocorre no curso de Pedagogia Bilíngue, que foi implantado em 2018 pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

A formação de professores nos cursos de Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue é um processo complexo e singular, e não deve ser pensado de maneira isolada ou fragmentada. O Ensino Superior é um sistema formal de cooperação, de encontro de indivíduos, de cruzamento de experiências, saberes e visões de mundo, e não pode ser reduzido apenas a uma lista de disciplinas. É preciso fomentar o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e proporcionar discussões e vivências que fomentem uma formação plena aos futuros professores.

No caso de um currículo para Libras como L1, em que indivíduos surdos e ouvintes, com diferentes experiências linguísticas com a Libras e a Língua Portuguesa, interagem e convivem com suas semelhanças e diferenças, um diálogo interdisciplinar dos saberes científicos se faz necessário.

Essa interdisciplinaridade pode se manifestar na prática de sala de aula por meio da aplicação de procedimentos metodológicos com ênfase em projetos temáticos, que contemplem diferentes disciplinas, centrados na inter-relação entre ciência, tecnologia e sociedade; no enfrentamento de situações-problema pela perspectiva dialógica; e na abordagem centrada em eventos, em que se recorre a comparações e referências a diversas áreas do saber. Estimular o diálogo, a reflexão

e o pensamento crítico dos alunos, fazendo-os se posicionar diante de problemas e desafios, vai contribuir para o desenvolvimento de estratégias ao ensino da Libras e para promover a valorização dessa língua.

A seguir, são apresentadas as grandes áreas e subáreas que fazem interface com a Libras a partir de um currículo de Libras como L1.

Educação

Engloba todos os processos relacionados ao ensino e à aprendizagem, envolvendo, nesse caso, o ensino da Libras como L1 em diferentes contextos. Questões como abordagens pedagógicas e metodologias de ensino vão se fazer presentes nas discussões acerca da Libras. Discussões teórico-práticas voltadas para os processos de alfabetização e letramento.

Linguística

Aborda questões relacionadas à estrutura e ao funcionamento da língua como sistema, envolvendo todos os níveis de análise, desde a fonologia até o nível textual-discursivo.

Linguística Aplicada

é por si só um campo interdisciplinar, o qual identifica, investiga e busca soluções para questões voltadas à linguagem, em diferentes contextos de uso da língua. Nesse caso, direciona-se para temas envolvendo o ensino de Libras como L1.

Psicolinguística

Pesquisa as conexões existentes entre linguagem e mente; o conhecimento e o uso de uma língua, tais como a do processo de aquisição de linguagem e a do processamento linguístico; e os processos psicológicos que se supõem estar a elas relacionados. No caso de Libras como L1, aborda também a aquisição precoce/tardia da Libras, e o período crítico e sua influência no processo de aquisição da Libras.

Sociolinguística

Estuda os aspectos que resultam da relação entre a língua e a sociedade, concentrando-se em especial na variabilidade social da língua, observando e descrevendo os efeitos de todos os aspectos da sociedade, incluindo normas culturais, expectativas e contexto, na maneira como a língua é usada; e os efeitos do uso da língua na sociedade.

Literatura

Como manifestação artística do ser humano, a literatura e, principalmente, a literatura surda, tem papel fundamental nas práticas de sala de aula e como recurso de ensino

E aprendizagem da Libras para o sujeito surdo. A produção de textos literários em sinais envolve o tema do pertencimento e traduz a experiência visual dos surdos, além de possibilitar outras representações das pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente da comunidade ouvinte.

Cultura e Identidade Surdas

As questões que envolvem cultura e identidade surdas estão intimamente ligadas à linguística e ao currículo de Libras como L1, visto que os sujeitos surdos partilham características culturais baseadas na experiência visual e no uso da língua de sinais. Levar em consideração a noção de pertencimento a um grupo, a troca de vivências e as diferentes narrativas desses sujeitos contribui para o aprofundamento do estudo da Libras.

Política Linguística

Práticas linguísticas em Libras na sociedade e na escola; planejamento linguístico incluindo aspectos de valorização da Libras; garantia de aquisição da Libras como L1 em programas de intervenção precoce junto às famílias; Educação Bilíngue de Surdos; acesso à Libras em diferentes espaços por meio de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, e da Libras de forma direta; e política de *corpus* da Libras que garanta descrição e socialização dos estudos dessa língua em diferentes espaços acadêmicos em todos os níveis educacionais.

Tecnologia

A educação no século XXI não pode ser pensada de modo dissociado da tecnologia. Por ser a Libras uma língua de modalidade visual-espacial, seu principal meio de registro se faz por meio de vídeos. A circulação social dessa língua ocorre por meio de recursos tecnológicos, diferentemente das línguas orais, cujo principal meio de veiculação é a escrita. O apoio da tecnologia para o ensino da Libras como L1, para descrição e registro da língua, constitui-se como ferramenta fundamental.

8. Elementos e formas de avaliação de Libras

A aquisição da Libras e seu ensino compreendem duas facetas do ensinamento de Libras como L1 no Ensino Superior. Competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos do curso de Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue já foram discutidas aqui, bem como foram propostos temas, atividades e abordagens. As formas de avaliação precisam estar associadas às competências e às habilidades em consonância com a proposta curricular. A avaliação precisa acontecer de maneira contínua e progressiva, permitindo aos alunos desenvolver competências e habilidades compreendidas em cada etapa do curso. Eis algumas propostas de avaliação de acompanhamento:



Produção de um portfólio das atividades direcionadas para o desenvolvimento de competências e habilidades propostas nas diferentes disciplinas;



Realização de atividades on-line que favoreçam o fazer e o refazer para internalização de competências e habilidades compreendidas em cada disciplina do curso;



Participação em atividades colaborativas com possibilidade de trocas efetivas, tanto on-line como presenciais, sobre as questões abordadas em cada disciplina, devidamente relacionadas com as competências e as habilidades a serem desenvolvidas;



Envolvimento em atividades que compreendem progressão de tarefas (uma tarefa cumprida leva ao próximo nível da atividade, de maneira consecutiva), tendo como meta a masterização de competências e habilidades previamente estabelecidas em cada curso;



Elaboração e execução de projetos envolvendo a Libras como L1.

9. Indicações para professores em formação e pesquisa

Professores bilíngues atuarão no ensino de Libras como L1 na Educação Básica, ou seja, ensinarão Libras, e por meio dessa língua precisam desenvolver o ímpeto de estar atualizados como educadores e pesquisadores. Seja para formação e revisão de concepções, pensamentos e interpretações sobre as mais diversas coisas do mundo, seja para uma investigação direcionada à sua prática docente específica, o professor bilíngue deve estar disposto, como ávido estudante, a buscar mais informações e formações durante toda a carreira, o que implica postura aberta ao novo e revisão das próprias práticas e certezas.

A começar por uma concepção de currículo cuja premissa de base é o conhecimento plural, multi e transdisciplinar, com respeito às diferenças, especialmente à diferença surda, a formação desse professor deve ser balizada na ciência, na ética e no respeito à identidade e à cultura do surdo. Nesse sentido, serão apresentadas algumas indicações para professores no âmbito da formação e da realização de pesquisas, as quais estão subdivididas em cinco eixos cada uma, que se interligam de modo plural e interdisciplinar.

1. Indicações para formação docente

- *Formação linguística* – Conhecimento sobre a estrutura e o funcionamento gramatical da Libras, entendida como um conjunto de variedades linguísticas e capaz de veicular qualquer conteúdo educacional e/ou científico.
- *Formação pedagógica* – Princípios teórico-metodológicos basilares para a educação bilíngue, da Educação Infantil ao Ensino Superior, considerando a diferença surda e os recursos adequados à promoção do bilinguismo e ao ensino da Libras L1 e da Língua Portuguesa na modalidade escrita, fundamentados numa pedagogia bilíngue e visual.
- *Formação literária* – Bases para o estudo da literatura surda, seja ela produzida, adaptada ou traduzida. Metodologias para o uso de textos literários em Libras

na Educação Infantil, nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, e no Ensino Médio.

- *Formação cultural* – Estudos surdos como constitutivos da identidade e da cultura de um povo (o surdo). Acesso às artes e aos artefatos surdos, tais como artes plásticas, jogos e brincadeiras, teatro surdo e língua de sinais como elemento cultural.
- *Formação tecnológica* – Programas e softwares apropriados para gravação, edição e transcrição das línguas de sinais, bem como para práticas de escrita em línguas de sinais. Modos de armazenamento de dados da Libras em nuvem e em servidores diversos.

2. Indicações para realização de pesquisas

- *Descrição da Libras* – Estudos em interface da Libras: fonologia/morfologia; morfossintaxe; sintaxe/prosódia; léxico/gramática; sintaxe/semântica; semântica/pragmática. Estudos comparativos da Libras com outras línguas de sinais. Estudos tipológicos. Estudos sociolinguísticos variacionistas e paramétricos da Libras. Estudos semânticos da Libras. Estudos discursivos da Libras. Estudos enunciativos da Libras. Aquisição de linguagem por crianças surdas e surdo-cegas. Estudos diacrônicos da Libras.
- *Metodologias do ensino de Libras como L1* – Como ensinar Libras L1 da Educação Infantil ao Ensino Superior. Currículo e avaliação da Libras L1 na Educação Básica e Superior. Estratégias de ensino e de avaliação da Libras L1. Escritas de sinais no contexto educacional: teoria e prática.
- *Estudos sobre a literatura surda* – Estratégias para o ensino/fruição da literatura surda a crianças surdas na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Estratégias para o ensino de literatura surda nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Estudos interdisciplinares envolvendo literatura surda/Libras/semiótica. Sistematização das produções literárias surdas no Brasil. Recursos tecnológicos para produção e divulgação da literatura surda. Estratégias para o reconhecimento da literatura surda como parte da literatura nacional e do patrimônio imaterial socio-histórico-cultural do país.

- *Estudos surdos* – Propor novas leituras e compreensões sobre valores culturais e simbólicos desenvolvidos pelos coletivos surdos ao longo da história. Essa área de estudo contribui para a formação de professores bilíngues ao situar contextos e interpretações em disputa pela definição do que é próprio ou não às pessoas surdas. Esse campo também se ocupa de debates a respeito das formas metodológicas consideradas éticas na produção de conhecimentos sobre pessoas, comunidades, línguas e culturas surdas. Sua contribuição mais significativa é no reposicionamento do espaço das pessoas surdas dentro dos processos sociais e institucionais, denunciando sistemas de opressão e "audismo", e reclamando o protagonismo das línguas de sinais e das pessoas surdas nas tomadas de decisão. A proposta é estabelecer uma "consciência surda" por meio dos estudos surdos.
- *Tecnologias para ensino, descrição e registro da Libras* – Estudos sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no contexto da educação de surdos, produzindo materiais visuais, bilíngues e multimodais, tornam a experiência escolar potencializada e acessível linguística e culturalmente para estudantes surdos. O conhecimento da diversidade de tecnologias disponíveis em materiais pedagógicos para aquisição, escrita e análise de língua de sinais são mais do que um suporte para a apresentação de conteúdos e avaliação. O uso adequado de tecnologias Na Educação Bilíngue de Surdos garante o respeito às competências perceptivas e linguísticas dos estudantes surdos sinalizantes. Professores bilíngues precisam estar “anteados” às novidades tecnológicas e verificar sua aplicabilidade em sala de aula. Contudo, deve-se garantir que essas ferramentas não sejam utilizadas em substituição à ação presencial humana de agentes educacionais proficientes em Libras.

Considerações finais da Parte 8

A formação do professor responsável pelo ensino de Libras como L1 e do professor bilíngue que, em geral, atua em vários segmentos e modalidades da educação de estudantes surdos sinalizantes, será sempre atravessada por saberes em diversas áreas. Os pontos listados anteriormente são um exemplo de áreas de saberes específicas que formam uma base significativa para formação e capacitação desses docentes especializados. Pode-se apontar que, normalmente, o campo dos estudos da Língua de Sinais e das Comunidades Surdas se destacam significativamente como objetos de estudo nesse processo de formação de professores. Para além da expectativa de um padrão de formação inicial homogêneo e restrito aos cursos de graduação de Pedagogia Bilíngue e/ou de Letras-Libras, a atuação do professor que trabalha na “linha de frente” do ensino de Libras na Educação Básica em modalidade bilíngue de surdos exige constantes atualizações, vivências e reflexões críticas. Não apenas buscar compreender os saberes de uma área, mas também é necessário que o professor se enxergue constantemente em formação. Mais do que isso, que compreenda que os saberes essenciais para atuação em Educação Bilíngue de Surdos emergem das comunidades surdas como coletivo vivo e dinâmico.

Nesse sentido, os cursos de formação de professores para o ensino de Libras como L1 deparam com o desafio de formar pessoas surdas e ouvintes, lhes oferecendo suporte para compreender como dominar saberes linguísticos e pedagógicos que potencializam suas práticas de ensino. Com essa percepção a respeito do público dessa formação docente, compreende-se que se trata de um processo amplo e complexo, sobretudo plural. Se, por um lado, é preciso propiciar caminhos para que estudantes não proficientes em Libras, na maioria ouvintes, se tornem mais e mais fluentes; por outro, é preciso que estudantes já proficientes, em sua maioria surdos, possam dar um passo à frente e compreenderem a estrutura, o funcionamento e os contextos de uso da Libras com mais profundidade, apropriando-se de saberes diversos voltados para o ensino da língua a outros surdos a fim de superar o restrito lugar de usuário da Libras. Sabe-se bem que não se aprende uma língua em pouco tempo, assim como saber se comunicar em uma língua não significa

compreender sua estrutura ou ser habilitado para ensinar essa língua. Da mesma maneira que ser ouvinte não legitima ser professor de português, no contexto brasileiro, ser surdo não legitima ser professor de Libras. A formação inicial e continuada, com foco para a docência, se faz necessária.

A sistematização do lugar da Libras na formação desses professores precisa urgentemente compreender a multiplicidade de elementos materiais lançados ao longo da história dos coletivos surdos e de suas vivências como parte das diversas civilizações. Reconhecer os públicos de estudantes e a que público esses futuros professores atenderão é crucial para um planejamento da formação de docentes bilíngues comprometidos com a realidade das escolas e as vivências e narrativas dos próprios estudantes surdos no contexto brasileiro.

Poder-se-ia fazer inúmeras indicações de itens e temas básicos a serem debatidos na formação do docente a atuar na educação escolar bilíngue para surdos, especificamente na formação daquele que será responsável pelo ensino de Libras como L1. Essas orientações podem ser encontradas em todo este referencial curricular. Mas é necessário reafirmar que os saberes são dinâmicos, as tensões simbólicas de opressão e resistência ao ouvintismo são variadas e as sociedades, como um todo, extremamente incertas. Desse modo, são os valores e a disponibilidade para a própria revisão os princípios orientadores da profissão docente.

A educação escolar bilíngue deve ser alicerçada nas experiências das pessoas surdas, nos saberes surdos e na cultura surda, e proporcionar práticas que permitam aos alunos surdos a identificação de si, a construção de sua subjetividade em sua língua de sinais e a transformação da sua realidade. Nesse contexto, professores de Libras como L1 são fundamentais. Por isso, parece razoável que o currículo se apresente aos professores em formação de modo a atentar para o desenvolvimento da criatividade, da criticidade e da inteligência dinâmica desses professores, e estes devem se questionar, aberta e frequentemente, acerca dos seguintes tópicos:

- Certo de que Libras é imprescindível e fundamental para o desenvolvimento cognitivo, linguístico, educacional, político e social de pessoas surdas, qual é o grau de importância dado a Libras no ambiente escolar? E qual é a atitude da comunidade escolar e da família em relação à Libras? Qual é o lugar dessa língua no currículo da minha instituição?
- Na posição de professor de Libras, eu compreendo e utilizo a língua de sinais nos diferentes tipos de registros sinalizados e domino os gêneros textuais na escrita de sinais e/ou em vídeo-registros? Sei fazer uso da língua em situações mais ou menos formais, de maneira adequada às situações e ao contexto?

- Sendo professor, sou capaz de selecionar informações, dados e argumentos em Libras para elaboração de um discurso crítico e criativo? Sou capaz de fazer pesquisas sobre língua de sinais realizando levantamento, seleção e registro de materiais em Libras que possam ser incluídos e/ou usados como materiais didáticos?
- As informações que circulam na minha instituição sobre a Libras acerca de gramática, dicionários, visualidade, neologismos e propriedades expressivas dessas línguas são fundamentadas em opiniões ou em dados científicos? Como os professores de Libras podem promover isso?
- Os demais professores bilíngues são capazes de garantir e promover a elaboração de materiais didáticos de suas disciplinas em língua de sinais? O que seria necessário para todo professor bilíngue se responsabilizar e se envolver mais na produção e circulação de conhecimentos em Libras?
- É possível aos professores bilíngues identificar e comparar, de maneira crítica, modos tipicamente surdos e não surdos de ensinar e de aprender línguas? Como tornar os alunos surdos parte ativa desse processo de construção do conhecimento em normas surdas?

Diante do desafio de lidar com a formação de professores de Libras como L1, tornou-se urgente a criação de uma política nacional que estabeleça diretrizes no sentido de garantir aos futuros professores da Educação Básica as bases para o ensino da Libras e sua disseminação, conforme previsto pela Lei nº 10.436/2002 e pelo Decreto nº 5.526/2005, respeitando-se a diferença, a cultura e a identidade surdas. Ademais, o desenvolvimento científico (pesquisa) e tecnológico (inovação) deve ser assegurado na formação do docente de Libras como L1.

Bibliografia sugerida

AGRELLA, R. P. *Língua, subjetividade e opressão linguística – interrogações a uma pedagogia (ab)surda*. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ALBUQUERQUE, T. R. de. *O vídeo como ferramenta de avaliação da aprendizagem de Libras na formação de professores*. 2017. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

CAMPELLO, A. R. e S. *Aspectos da visualidade na educação dos surdos*. 2008. 244 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

DALL'ALBA, C. *Movimento surdo e educação: negociação de cultura surda*. 2013. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

DORES, C. F. das. *A escolarização de surdos e o Congresso de Milão: eclosão da normalização para oralidade*. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

DUARTE, K. T. *Memória e história dos/as alfabetizadores/as de surdos: entre prática e representações 1960-2000*. 2013. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FARIA, E. R. *A identidade do surdo: pesquisado na pós-graduação em linguística*. 2013. 169 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FÓRUM Bilíngue do INES. Evento formativo desenvolvido pelo Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DDHCT/INES). Disponível em: <www.ines.gov.br/forum-bilingue>.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: ULBRA, 2011.

LADD, P. *Em busca da surdidade 1: colonização dos surdos*. 2017. (1h19min04s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9ewKcb7Ry-k&t=3694s>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

LANE, H. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LIMA, M. D. *Política educacional e política linguística na educação dos e para os surdos*. 2018. 454 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

LUCHESE, A. *Formação docente para o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para estudantes surdos*. 2017. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2017.

- MAESTRI, R. de C. *Desenvolvimento cognitivo da pessoa surda, da infância à idade adulta*. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- MARQUES, R. R. *A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica*. 2008. 133 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- MARTINS, F. C. *Discursos e experiências de sujeitos surdos sobre audismo, deaf gain e surdismo*. 2013. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.
- MARTINS, F. C. *Terminologia da Libras: coleta e registro dos sinais-termos da área de psicologia*. 2018. 613 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- MARTINS, M. A. L. *Relação professor surdo/alunos surdos em sala de aula: análise das práticas bilíngues e suas problematizações*. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2010.
- MIRANDA, W. de O. *A experiência e a pedagogia que nós surdos queremos*. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- MOURÃO, C. H. N. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. 2016. 287 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- PAIVA, A. E. dos A. *Narrativas de experiências de uma surda na Língua Brasileira de Sinais: espaços formativos e aprendizagens*. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- PERLIN, G. T. T. *Histórias de vida surda: identidades em questão*. 1999. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- PERLIN, G. T. T. *O ser e o estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade*. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- PORTA da Libras UFSC. *Materiais em Libras e em Português sobre o curso de Letras-Libras e diversas produções em pesquisa e extensão desenvolvidas pelo Departamento de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina*. Disponível em: <<https://Libras.ufsc.br/>>.
- QUADROS, R. M. de. *Libras*. Coleção para o ensino superior. Volume 5. São Paulo: Parábola, 2019.
- QUADROS, R. M. de. *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. Disponível em: <<http://Libras.ufsc.br/e-books/page/12/>>. Acesso em junho de 2020.
- QUADROS, R. M. de.; CRUZ, C. R. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Penso, 2011.
- QUADROS, R. M. de. et al. *Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro*. Florianópolis: Garupuvu, 2018. Disponível em: <<http://www.corpusLibras.ufsc.br/publicacoes/categoria?categoria=Livro>>. Acesso em junho de 2020.
- QUADROS, R. M. de.; FINGER, I. *Teorias de aquisição da linguagem*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- QUADROS, R. M.; BARBOSA, J. S. (Org.) *Gramática da Libras*. (no prelo).
- REBOUÇAS, L. S. *A prioridade dos docentes surdos para ensinar a disciplina Libras (Língua Brasileira de Sinais) nas instituições de ensino superior após o Decreto 5626/2005*. 2009. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- REIS, F. *Os professores surdos na educação superior*. 2015. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

- REIS, F. *Professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica*. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- ROSA, F. S. *O que o currículo de Letras Libras ensina sobre literatura surda*. 2017. 149 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- ROSA, F. S. *O que sinalizam os professores surdos sobre literatura surda em livros digitais*. 2011. 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.
- ROSSI, A. R. *O ensino de Libras na educação superior: ventos, trovoadas e brisas*. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.
- SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Orgs.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado da Letras, 1998.
- SILVA, S. G. L. da. *Compreensão leitora em segunda língua de surdos sinalizantes da língua de sinais: um estudo comparativo entre estudantes de uma educação em ambiente bilíngue e não bilíngue*. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- SOUZA, S. M. *Apontamentos sobre a formação de professores bilíngues para a educação de surdos em língua de sinais*. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- STROBEL, K. L. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- STUMPF, M. R. *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador*. 2005. 330 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- WITCHES, P. H. *Governo linguístico em educação de surdos: práticas de produção do surdi mudi no século XX*. 2018. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. Plano Nacional de Educação Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acessado em junho de 2020.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 26 ago. 2009.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

DE CLERCK, G. Deaf epistemologies as a critique and alternative to the practice of science: an anthropological perspective. *American Annals of the Deaf*, v. 154, n. 5, p. 435-446, Winter, 2010.

FRIEDNER, M. Understanding and Not-Understanding: What Do Epistemologies and Ontologies Do in Deaf Worlds? *Sign Language Studies*, v. 16, n. 2, p. 184-203, Winter, 2016.

LADD, P. *Em busca da surdidade 1*. Colonização dos surdos. Tradução de Mariana Martini. Toronto: Multilingual Matters, 2003.

LADD, P.; LANE, H. Deaf ethnicity, deafhood, and their relationship. *Sign Language Studies*, v. 13, n. 4, p. 565-579, Summer, 2013.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MORIN, E. *O método 4: as ideias*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

MORIN, E. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PAUL, P.; MOORES, D. Perspectives on Deaf Epistemologies. *American Annals of the Deaf*, v. 154, n. 5, p. 417-420, Winter 2010.

PERLIN, G. T. T. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

QUADROS, R. M. de.; CRUZ, C. R. *Língua de sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Penso, 2011.

QUADROS, R. M. de. *Libras*. Coleção para o ensino superior. Volume 5. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de.; FINGER, I. *Teorias de aquisição da linguagem*. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

QUADROS, R. M. de. et al. *Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro*. Florianópolis: Garupuvu, 2018. Disponível em: <<http://www.corpusLibras.ufsc.br/publicacoes/categoria?categoria=Livro>>. Acesso em junho de 2020.

QUADROS, R. M.; BARBOSA, J. S. (Org.) *Gramática da Libras*. (no prelo).

QUADROS, R. M. de. *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. Disponível em: <<http://Libras.ufsc.br/e-books/page/12/>>. Acesso em junho de 2020.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009. Cap. 1. p. 23-72.

SANTOS, B. de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 63, p. 237-280, out. 2002.

**Referenciais para o ensino
de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na
Educação Bilíngue de Surdos:**
da Educação Infantil ao Ensino Superior

PALAVRAS FINAIS:

*referenciais para um ensino de Libras
em que os Surdos sejam referência*

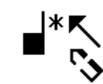


Pensar em uma política pelas diferenças exige um olhar mais atento às especificidades e suas implicações. Mudanças profundas são requeridas para o estabelecimento da Educação Bilíngue de Surdos. Durante todo o processo de escrita e pensamento desta obra, buscou-se constantemente ter atenção ao significado das diferenças que estão em jogo e como surdos precisam ser considerados como referência de quaisquer coisas ditas, planejadas ou executadas sobre e para os surdos. **“Nada sobre nós sem nós”** é um lema que deve ser defendido por todos neste projeto; conscientes de que nesse jogo de poder e de significações o “nós” deve funcionar na língua e na cultura dos surdos, inegavelmente, com a presença e a participação legítima de pessoas surdas.

A experiência visual, muitas vezes relegada a um segundo ou terceiro plano, deve passar a ser centro das atenções, pois é a base do pensamento e da linguagem dos surdos. Vale reforçar, então, aquilo de que se falou desde a introdução desta obra, passando pelas partes percorridas até aqui: a visualidade é uma competência e uma habilidade dos surdos, portanto, na educação das pessoas surdas, não é uma propriedade dos objetos ou métodos pedagógicos; são os corpos dos surdos, entendidos como construção histórica que se atualiza ao longo da vida e das gerações. A visualidade se aprimora, leva os surdos até a Libras e todas as outras línguas de sinais do Brasil e do mundo, como um dos maiores tesouros da humanidade, manifestado na potencialidade extrema da vida como diferença e alteridade.

Há narrativas surdas acumuladas em registros e nos corpos vividos suficientes para destacar muito dos sofrimentos subjetivos vivenciados pelos surdos, sempre que foram ignoradas suas diferenças, sempre que lhes foi negado o direito de se aperfeiçoarem em suas culturas surdas – desvalorizadas na lógica geral de narrativas institucionalizadas ainda vigentes em diversos espaços; inclusive naqueles ditos “de/para surdos”. Essas narrativas exaltam a Libras e a necessidade de uma comunicação plena com o outro, onde exista a possibilidade de construção da subjetividade, a construção consciente de si mesmo, pela inserção em uma cultura condizente com as potencialidades do corpo da pessoa surda, não acobertada em modelos compensadores que olham os surdos e só veem o que aparentemente lhes falta, veem apenas o potencial que faz a diferença.

As mudanças de paradigma nos últimos anos se inscrevem como resistências. Mover o corpo e as experiências das pessoas surdas para fora dos restritos “muros” das análises clínicas imprimiu novos sentidos ao debate. Mas foi somente quando as



próprias pessoas surdas se tornaram autoras desses processos de investigação que novas epistemologias começaram a emergir, permitindo outras formas de compor e interpretar a vida.

Conforme o avanço do conhecimento no campo das ciências humanas, de visão socioantropológica, os coletivos de surdos não são apenas objeto de uma intenção “pedagogizada” de normalização, mas são potencialmente criadores de sentido e significado para a vida. Esse potencial, esse poder surdo, se manifesta mais explicitamente na Libras. Mas existem inúmeros outros níveis de produção de sentido que só poderão ser percebidos, e talvez investigados, quando barreiras que dividem conhecimentos humanos e a Libras forem derrubadas pela livre circulação dos atores surdos.

Quando se fala em construir um lugar de ocupação, resistência e avanço dos agentes surdos, também se fala do lugar de reformulação das posturas e éticas das pessoas ouvintes, pensadas como um todo, quer saibam Libras ou não. Não se trata aqui de polarizar as relações, mas de apontar as desigualdades no processo histórico de construção das instituições e dos projetos voltados aos surdos. Mesmo hoje, é preciso apontar a urgência da implementação de uma filosofia eficaz e legítima de Educação Bilíngue de Surdos, que ainda encontra visível resistência por grande parte dos profissionais que trabalham na educação de surdos. Esses novos referenciais para implementação real de uma Educação Bilíngue de Surdos necessitam da mudança de paradigmas e, mais do que isso, de referências antes legitimadas como intocáveis e imutáveis. Essas referências nunca foram definidas pelos surdos, e é sobre essa mudança de paradigma que trata esta obra.

Em salas de aulas, lançados como que dissolvidos no sistema educacional, estudantes surdos são vistos como pessoas surdas que necessitam de atendimento especial como se sua dificuldade de aprender fosse causada por serem surdas. Assim, afastadas das potências e heranças das comunidades surdas anteriores, as instituições escolares seguem concretizando, então, a exclusão. Uma exclusão não apenas dos estudantes do sistema formal de ensino, mas principalmente dessas crianças e desses jovens do direito de acessarem o conhecimento como ferramenta de existência para conhecerem e construírem a si mesmos.

É necessário superar essas tenções e abrir novos espaços pessoais, nas instituições e nas redes tecidas neste tempo para que outras realidades aconteçam. Por isso, esta obra trouxe tantos convites a reflexões no decorrer de suas páginas. São convites para àquilo que os surdos, como coletivo organizado, apresentam como implicações a serem consideradas em relação à política de Educação Bilíngue de



LER EM
LIBRAS



Acesse também pelo link:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7PxbImiZLDXOGx32TZIRumOL1zd>

Surdos. Nesse reposicionamento, algumas questões ainda precisam ser consideradas, tais como:

1. Questão dos lugares de uso e representação das línguas diante do processo educacional fracassado e da proposta bilíngue constituída sob modelos surdos.
2. Interação interpessoal entre surdos (crianças, jovens, adultos e idosos) que compartilham não só uma língua em transformação, como também semelhanças e identificações nas vivências que acumulam – historicidade e trocas narrativas fundamentais para o desenvolvimento da cultura surda, identidade surda e da própria construção do conhecimento.
3. Aquisição da linguagem em idade adequada por meio de interações sinalizadas para garantir o livre acesso ao conhecimento humano tornando os estudantes surdos capazes de se construírem tanto como sujeitos de um grupo com identidade cultural própria e forte, quanto como cidadãos globais de uma sociedade cada vez mais conectada em rede.

O contexto escolar favorecido pela variação etária e pelo bilinguismo centrado na Libras possibilita que o aluno surdo siga a evolução linguística afirmativamente como surdo, compreendendo entremeios, dúvidas, conflitos e prazeres na complexidade da vida. Os assuntos de um adolescente não são os mesmos de uma criança surda, nem de um adulto surdo. Por outro lado, os conteúdos de Libras desenvolvem no aluno surdo níveis de correção e de competência linguística que refletem a complexidade do pensamento, assim como a construção de uma identidade sólida. Essa reformulação dos modelos que fundamentam a escola em uma perspectiva que centraliza a experiência e os saberes surdos torna a escola esse lugar onde ser “surdo”, tal como as normas de língua e cultura dispõem, é um valor e um meio de interação.

A Libras é uma língua viva, completa, com gramática, funções lexicais articuladas, emergência lexical própria, estruturas complexas; uma língua que soma características naturais e culturais das humanidades surdas. Esses saberes chegam para as crianças surdas pela imersão no cotidiano, em um processo de permanente evolução. Não há momento na vida de uma pessoa surda em que a Libras deixa de se apresentar em novos termos e novas formas de uso, assim como acontece com

todas as línguas vivas, em todo mundo. A Libras é completa como língua para ensinar, uma língua que favorece as aprendizagens, motiva e provoca o desejo de aprender. Ela permite o acesso a conhecimentos escolares e gerais, e possibilita a entrada de uma segunda língua, tal como deseja o bilinguismo que faz par linguístico da Libras com o português escrito. A Língua de Sinais é elemento de construção para desenvolver a identidade, a autonomia, a confiança em si; para acesso à cidadania e integração social, ao patrimônio cultural da humanidade e a uma história própria: a dos surdos.

Na medida em que não se pode falar de uma língua sem deslocar dela a cultura e a interculturalidade como sistema escolar partilhado de duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) e culturas, salvaguarda a predominância da língua natural sobre a segunda língua.

No Brasil, esses saberes e o senso de identidade e cultura surda se amplificaram em rede pelo curso de Letras-Libras. Com polos em vários estados e videoaulas simultâneas, uma rede de difusão de conhecimentos surdos, entre surdos e em Libras fortificou algo antes inimaginado. Os surdos brasileiros sempre produziram coletivos em associações e instituições de diversas naturezas, mas tinham um acesso limitado aos bens da sua cultura surda, assim como às produções gerais de seu país. O curso de Letras-Libras, além de institucionalizar os cursos de licenciatura e bacharelado em Libras, incorporou os surdos de 17 estados brasileiros a universidades federais e criou uma comunidade acadêmica em Libras que antes não existia.

Ainda existem grupos isolados e com acesso a pouquíssimas produções. Há surdos em escolas, sem o direito de participar integralmente do que está acontecendo ao seu redor. A implementação de políticas educacionais baseadas em saberes surdos, acredita-se, pode fazer pelas crianças e pelos jovens surdos algo semelhante ao que as políticas para o Ensino Superior de surdos fizeram, até porque esse projeto do Ensino Superior tem como objetivo formar profissionais para atuarem no ensino de Libras, principalmente nas escolas brasileiras da Educação Básica.

Esse fato impulsionou a cultura surda em suas diversas formas de expressão: literatura, audiovisual, poesia, teatro, artes plásticas e outros. Incentivou a publicação de artigos científicos, dissertações e teses de autores surdos.

O movimento de insurgência dos saberes surdos é de escala global e age em microestruturas, buscando espaço em escalas e políticas maiores. A maior prioridade no trabalho da **Federação Mundial de Surdos (WFD, na sigla em inglês)** foi assegurar que os direitos humanos universais fossem realidade para as pessoas surdas em

todo mundo. A **Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência** apresenta uma mudança de paradigma, de um modelo de deficiência como doença para um modelo de deficiência como parte dos direitos humanos. As pessoas surdas têm direitos civis, políticos, sociais, linguísticos, econômicos e culturais com base na igualdade de todos. Isso requer, principalmente, o reconhecimento da identidade linguística e cultural das pessoas surdas. O princípio de proposições que incluem os anseios de diferentes grupos. O lema "**nada sobre nós sem nós**" é retomado nesta convenção e, novamente, o coletivo provoca o estabelecimento de políticas mais atuais que incorporem o estado da arte, tanto nas pesquisas, quanto nas demandas dos surdos.

Segundo Stumpf e Quadros,⁵ no encerramento da **II Conferência Internacional da Federação Mundial de Surdos**, ocorrida em Sydney, Austrália, em 2013, a Federação Mundial de Surdos reafirmou seu compromisso de defender os direitos das pessoas surdas por meio de quatro políticas-chave:

- 1. Reconhecimento das línguas de sinais:** a língua de sinais é a linguagem primeira e natural das pessoas surdas. O reconhecimento das línguas de sinais é primordial para a promoção da igualdade às pessoas surdas.
- 2. Educação:** crianças surdas precisam ter acesso à educação para poder contribuir com a sociedade como adultos iguais. Elas têm direito a adquirir sua primeira língua natural, a Língua de Sinais, e a aprender em ambientes que a respeitem e valorizem. Elas têm direito à educação nos mesmos padrões de qualidade das crianças ouvintes.
- 3. Acessibilidade:** pessoas surdas têm direito a participar de todas as áreas da vida cotidiana com bases iguais às dos demais, em língua de sinais.
- 4. Interpretação em língua de sinais:** um fator chave para a acessibilidade é o direito à interpretação em língua de sinais. As sociedades devem criar sistemas que proporcionem acesso geral a intérpretes de língua de sinais.

O relatório designado pelo MEC para elaboração de subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue de Surdos (Libras/Língua Portuguesa), indica que a Educação Bilíngue de Surdos deve ser compreendida com base no Plano Nacional de

⁵ STUMPF, M.; QUADROS, R. *Para além das políticas linguísticas: língua brasileira de sinais*. (no prelo.).

Educação (PNE) para a década de 2014-2024 (Lei nº 13.005/2014), que determina ao poder público:

- “Garantir a oferta de educação bilíngue, em língua brasileira de sinais –Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, aos alunos surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência” (Meta 4, item 4.7).
- “Apoiar a ampliação das equipes de profissionais da educação para atender à demanda do processo de escolarização dos(das) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, garantindo a oferta de professores(as) do atendimento educacional especializado, profissionais de apoio ou auxiliares, tradutores(as) e intérpretes de Libras, guias-intérpretes para surdoscegos, professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues” (Meta 4, item 4.13).
- “Apoiar a alfabetização das pessoas com deficiência, considerando as suas especificidades, inclusive a alfabetização bilíngue de pessoas surdas [...]” (Meta 5, item 5.7).
- “Desenvolver indicadores específicos de avaliação da qualidade da educação especial, bem como da qualidade da educação bilíngue para surdos” (Meta 7, item 7.8).

Os presentes referenciais, além de estarem de acordo com as metas e os objetivos das políticas públicas de educação e das determinações legais, ao propor um trabalho de maneira interdisciplinar, que relaciona multimídia e educação, no sentido de formar alunos surdos com as tecnologias de comunicação e informação, contribui com a sociedade, pois possibilita o desenvolvimento de metodologias visuais, necessárias à efetividade didática da Educação Bilíngue de Surdos.

A oferta de um ambiente linguístico para os alunos surdos é decisiva no desenvolvimento individual, na construção das identidades, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional, em todo o percurso futuro e no exercício pleno da cidadania.

Não se pode esquecer de falar, também, da família. As famílias dos estudantes surdos precisam de esclarecimentos. Elas precisam saber do potencial das crianças surdas de se tornarem um ser comunicativo. Precisam, ainda, ser orientadas a levar

as crianças surdas ao contato com a comunidade surda para que adquiram naturalmente a Língua de Sinais e possam crescer sendo respeitadas em suas diferenças.

Com muita alegria e satisfação a organização desta obra está concluída. Que ela seja referência consistente para práticas e revisões de postura dos professores de Libras, mas, principalmente, que a implementação e a renovação do ensino de Libras mudem a vida dos estudantes surdos deste país. Que este debate não termine aqui, mas que se transforme, pela prática ativa e crítica destes referenciais, na interação direta com os estudantes surdos.

Os movimentos surdos apontam a construção da história da educação dos surdos, uma história de superação, e não de deficiências, carências e faltas. **A Comunidade Surda brasileira se levantou e disse: “Esta é a educação que nós, surdos, queremos!”**. Esse é um texto no qual os surdos já apontavam sugestões sobre como os alunos poderiam ser potencializados por políticas educacionais consistentes. Alguns anos depois, este documento que você tem em mãos é, enfim, uma das respostas mais diretas a esse pedido.

Esta obra carrega o eco da vibração desprendida dos punhos erguidos de uma Comunidade Surda que veio antes de desta, que se sente movida por essa luta e atualiza esse desejo apontando, enquanto for necessário dizer, que as pessoas surdas ainda não estão exercendo seus direitos civis e de cidadãs, e nem o direito à educação, tal como se propõe pelo acesso à Educação Bilíngue de Surdos.

Que esta obra transforme as práticas de ensino, sua execução do chão da escola. Que essas práticas perpassem pela ética e pelo respeito aos surdos, levando surdos e ouvintes a uma postura de valorização da língua, da cultura e dos saberes surdos, pois foi com base nesses saberes que esta obra foi pensada.

Viva o poder surdo de se reinventar! Viva a escola que tem como se reinventar a partir das matrizes dinâmicas e poderosas já lançadas! Viva isso tão forte que hoje responde pelo nome de cultura surda!

Prof^a. Dra. Marianne
Rossi Stumpf



Prof. Me. Ramon Santos
de Almeida Linhares

The image is a monochromatic, abstract painting of a face. The face is rendered with thick, expressive brushstrokes in shades of gray. The eyes are large and prominent, with dark, swirling patterns around them. The background is filled with a dense, repeating pattern of small, dark dots. The overall style is reminiscent of a woodcut or a high-contrast print.

**INFORMAÇÕES
COMPLEMENTARES**



PEQUENO GLOSSÁRIO ALUSIVO DESTA OBRA

Conheça, em ordem alfabética, alguns **termos importantes** para compreensão dos Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Escolar Bilíngue de Surdos

Texto redigido pelos organizadores da obra em parceria com as pesquisadoras Dra. Antonielle Cantarelli Martins (Instituto Ladd) e da Prof^ª. Dra. Francielle Cantarelli Martins (UFPe).



ARTISTA SURDO
HOMENAGEADO

Fabio Selanni, DF

Acessibilidade linguística

acessibilidade de conteúdos em vários formatos e contextos, principalmente por meio de tradutor intérprete de Língua de Sinais ou legenda em português.

Análise linguística da Libras

decomposição da Libras para facilitar a compreensão dos traços distintivos de sua estrutura.

Aquisição de linguagem

processo de desenvolvimento de uma língua com base na exposição natural. Expressão tipicamente utilizada para referir-se ao desenvolvimento da primeira língua (L1).

Aquisição tardia

aquisição de língua de sinais na fase posterior à da “janela de oportunidades”, acarretando consequências no desenvolvimento social, emocional e cognitivo de pessoas surdas.

Arbitrariedade das línguas de sinais

quando significado e significante são constituídos de maneira arbitrária; quando não há aparente relação preexistente entre o sinal e o que ele representa.

Áreas de conhecimento

Segundo a seleção proposta pela base curricular, são cinco as áreas de conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Ensino Religioso. Nesse contexto, a Libras inscreve-se como

componente curricular na área de conhecimento da Linguagem, mas também deve ser tomada como língua de instrução e comunicação para além dos tempos destinados ao estudo formal desta língua. Cada uma dessas áreas de conhecimento tem suas competências específicas como modo de desdobramento das competências gerais.

Arte Surda

expressões de surdos nas diferentes linguagens artísticas, como performance, literatura e artes plásticas.

Bilíngue

refere-se a uma situação envolvendo duas línguas.

Bilinguismo surdo

especificidade de bilinguismo caracterizado por conceitos específicos relativos à experiência visual dos surdos, à Língua de Sinais, à cultura surda e à relação com a língua majoritária.

Boia

sinais produzidos com a mão passiva mantida parada no ar, em dada configuração, enquanto a mão ativa continua a produzir outros sinais.

Campo de atuação

Contextos aos quais se deve orientar e problematizar o conhecimento para posicionar os saberes frente as diferentes realidades práticas e cotidianas. Desse modo, “a organização por campos de atuação [...] aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar,

para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes.” (BRASIL, 2018, p. 84).

Campos de experiência

Para que os estudantes da Educação Infantil (0 a 5 anos e 11 meses) possam aprender e se desenvolver no decorrer da Educação Infantil, a base propõe cinco campos de experiência relacionados a identificação de si e do outro, da percepção (de sua corporeidade e das formas de manifestação das coisas no mundo), das formas de expressão (pela produção e recepção de informações linguísticas) e da transformação desses elementos no tempo e no espaço. Os campos de experiência atuam como eixos da educação infantil propondo a progressão dos aspectos ao longo das três fases desse período escolar.

Classe bilíngue

Turma exclusiva de alunos surdos na qual a língua de ensino, instrução, comunicação e interação é a Libras, a ser ensinada como L1, e o português é ensinado em sua forma escrita, como segunda língua (L2).

Classificador

marcador de concordância de gênero: pessoa, animal, coisa; pode vir junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo.

Comunidade surda

espaço relacional onde surdos e ouvintes podem interagir, compartilhar vivências, experiências e informações.

Competências

Podemos compreender as competências como “objetivos” a serem mobilizados pelos estudantes da ordem de desenvolvimento do pensamento (consciência, imaginação e raciocínio) pela mobilização de *conceitos* e *procedimentos*. Condições a serem desenvolvidas por interações práticas e verificáveis na condição de suas habilidades associadas.

Competências Gerais: A base curricular brasileira hoje propõe 10 competências gerais que funcionam como fio condutor de toda Educação Básica.

Competências específicas de Área de Conhecimento: As 10 competências se desdobram e influenciam a elaboração de *competências específicas* para cada uma das cinco áreas de conhecimento.

Competências específicas do componente curricular: Por seguinte, para cada componente curricular (“disciplina”) estão dispostas um conjunto de competências próprias derivadas das estipuladas pela área de conhecimento.

Componentes curriculares

Cada área de conhecimento tem seus componentes curriculares. Esse conceito se aproxima do que antes chamávamos de “disciplinas”. A proposta de tomá-los como componentes de um corpo maior de conhecimento, vem do desejo de marcar a interdisciplinaridade e articulação total dos saberes orientados pelas competências

gerais. Por isso, cada um dos componentes curriculares apresentará um conjunto de *competências específicas* desdobrados diretamente dos contextos abertos pelas competências gerais.

Contato surdo-surdo

convívio entre pessoas surdas, imprescindível para a manutenção da cultura e aquisição de identidade.

Contato visual

ato de visualização imprescindível para comunicação em Língua de Sinais.

Cultura surda

conjunto de características que tornam uma pessoa parte da comunidade surda; caracterizada especialmente pelas línguas de sinais.

Datilologia/alfabeto manual

sistema de representação das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, por meio de configurações de mão das línguas de sinais.

Deficiente auditivo

é a pessoa parcialmente surda; todo aquele que tem capacidade de ouvir, apesar de deficiente; tem audição funcional com ou sem prótese auditiva.

Desenvolvimento surdo

desenvolvimento específico de pessoas surdas, atravessado por questões linguísticas, identitárias e culturais.

Diferença surda

peculiaridade identitária, social e linguística das pessoas surdas.

Direitos de aprendizagem

Segundo a base, são “seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.” (BRASIL, 2018, p. 37).

Educação Bilíngue de Surdos

modelo educacional que prima pela aquisição da Libras como L1 e a aprendizagem da Língua Portuguesa como L2. No contexto da Educação Bilíngue de Surdos, a Libras é a língua de instrução, ensino, comunicação e interação.

Escola bilíngue de surdos

é uma unidade escolar da rede regular de ensino, especializada na escolarização e formação integral de estudantes surdos, surdocegos, estudantes com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades/superdotação, assim como de surdos com deficiências associadas. O ensino oferecido nas escolas bilíngues de surdos é mediado pela Libras, que é primeira língua de instrução, ensino, comunicação e interação

nessas escolas; além do português escrito, que é língua de instrução, ensinada como L2, de modo a atender às especificidades linguísticas dos estudantes.

Escrita de sinais

sistema de registro gráfico com símbolos que representam constituintes da Língua de Sinais.

Ensino de Libras

ensino de Libras com metodologia de L1 para surdos ou de L2 para ouvintes.

Espacial

o uso de espaço em torno do sinalizante para referir-se a pessoas, coisas e lugares.

Estudos surdos

campo disciplinar que conjuga estudos multidisciplinares no campo das Humanidades, que lida com o estudo sistemático dos fenômenos antropológicos, sociológicos e culturais emergentes nas comunidades surdas e da pessoa surda, em diferentes contextos. Uma área de conhecimento que se articula com a luta e os conceitos epistemológicos e ontológicos, questionando principalmente as interpretações pejorativas a respeito das pessoas, comunidades, línguas e culturas surdas.

Expressões faciais afetivas

conjunto ilimitado de movimentos faciais que expressam emoção; são contínuos e mostram larga variação; presentes também nas línguas orais.

Expressões faciais gramaticais

conjunto limitado de movimentos faciais com comportamentos categóricos ou discretos; componentes como escopo e forma são regras governadas e impostas pelos requisitos do sistema linguístico.

Folclore surdo

conjunto de costumes, lendas e manifestações artísticas preservado pelo povo surdo por meio da tradição e das línguas de sinais.

Gestos

ampla variação de movimentos (manuais, vocais ou faciais) fora do núcleo do sistema linguístico, usados para expressão.

Habilidades

Podemos compreender as habilidades como “objetivos” de ordem práticas a serem desenvolvidas pelos estudantes. Aptidões que expressam saber em agir no mundo a partir das competências e dos conhecimentos como ferramentas para viver no mundo. Apresentam-se como manifestação do desenvolvimento de competências por parte dos estudantes. Elas focam no poder de ação que o estudante terá com o desenvolvimento de certas competências.

Humor surdo

traço com dimensão cultural; chave para a compreensão da cultura surda; o humor e as piadas surdas mostram a valorização das línguas de sinais e da cultura surda.

Iconicidade das línguas de sinais

semelhança que o sinal tem em comum com o objeto que representa; significante motivado

pelo representante no mundo real, fenômeno comum nas línguas de sinais.

Identidade surda

categorias múltiplas e heterogêneas de sujeitos surdos emergentes em um processo de identificação entre si.

Implante coclear

dispositivo neuroprotético implantado cirurgicamente que objetiva fornecer o senso de som a uma pessoa com perda auditiva neurosensorial moderada a profunda.

Interculturalidade ou intercultural

interação cultural recíproca, ou seja, entre culturas, enriquecendo o convívio e a integração com respeito pela diversidade e enriquecimento mútuo.

Letras-Libras

nome dado a curso de graduação nas modalidades licenciatura, que visa formar professores capacitados para lecionar Libras; ou bacharelado, que capacita para atuação como tradutor e intérprete de Libras.

Léxico/Lexical

(1) unidade lexical, palavra de uma língua oral ou sinal de uma língua de sinais; (2) lista de palavras ou sinais que uma pessoa adquiriu; (3) lexical é relativo ao léxico. O aprendizado lexical refere-se ao desenvolvimento da linguagem relacionada ao vocabulário.

Língua natural

língua que se desenvolve espontaneamente, em vez de ser inventada artificialmente, e que também é utilizada naturalmente para comunicação em uma comunidade de pessoas.

Língua de Sinais Americana

tradução de American Sign Language (ASL), língua visuoespacial natural da comunidade surda norte-americana e canadense.

Língua Brasileira de Sinais (Libras)

língua visuoespacial natural da comunidade surda brasileira.

Língua de sinais

língua visuoespacial natural das comunidades surdas.

Língua de sinais francesa

língua visuoespacial natural da comunidade surda francesa e de alguns países da África.

Literatura em Língua de Sinais

produção/tradução cultural que objetiva o acesso à literatura geral em língua de sinais. A literatura em Libras pode ser de origem surda ou não surda.

Literatura surda

manifestação dos sujeitos surdos como experiência cultural e das identidades surdas; literatura produzida por surdos, destinada aos surdos e/ou sobre os surdos.

Mímica

expressão de pensamento por meio de gestos, expressões corporais e fisionômicas.

Modalidade

canal por meio do qual uma língua é produzida e percebida: oral-auditiva (línguas faladas) ou gestual-visual (línguas de sinais).

Movimento Surdo

manifestação coletiva de membros da Comunidade Surda ou de suas organizações na defesa ou promoção de leis que garantam direitos dos surdos: linguísticos, educacionais, culturais, profissionais etc., e que levam ao reconhecimento dos surdos como pessoas com identidade, cultura e língua próprias, além de mudanças de aspectos tradicionais com relação aos surdos, expansão das políticas públicas que tratam de questões como: cultura, Língua de Sinais, educação bilíngue, intérpretes, direitos humanos etc.

Narrativa em Língua de Sinais

exposição de um acontecimento mais ou menos encadeado, real ou imaginário, por meio de uma Língua de Sinais.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

“Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como

objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.” (BRASIL, 2018, p. 44).

Objetos de conhecimento

Os conteúdos estão organizados em *unidades temáticas*, que, por sua vez, incluem dois ou mais *objetos de conhecimento*. Estes desdobram-se em um conjunto de habilidades. São temas, conceitos e processo mais específicos dentre os saberes selecionados na composição das áreas de conhecimento e variam progressivamente ao longo dos anos escolares.

Primeira língua

a primeira língua (L1) ou língua nativa de uma pessoa.

Professor bilíngue

professor fluente em Língua de Sinais e Língua Portuguesa (oral e/ou escrita, quando possível) capacitado para atuar na Educação Bilíngue de Surdos.

Produção sinalizada

obras em Libras, produzidas em diferentes gêneros e propósitos, apresentadas em videolibras, como anúncios, listas de poesia, notícias, reportagens, contos e ensaios em vídeos ou escrita de Libras.

Pantomima

expressão de sentimentos e ideias por meio de gestos e atitudes, sem recorrer à palavra.

Pedagogia bilíngue

curso de licenciatura cujo objetivo é formar o educador bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) apto a trabalhar com a educação de alunos surdos, em sua primeira língua e com metodologias de ensino adequadas.

Pedagogia visual

pedagogia que considera a forma de o surdo aprender, ensinar e construir conhecimento por meio da experiência visual.

Povo surdo

grupo de surdos com costumes, história e tradições em comum; que constroem sua concepção de mundo por meio de experiências visuais.

Segunda língua

qualquer língua que uma pessoa aprende após aprender a primeira língua.

SignWriting

sistema de escrita de línguas de sinais, criado em 1974, por Valerie Sutton; expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não manuais e os pontos de articulação que, combinados, constituem sinais escritos.

Sinais internacionais

Língua de Sinais artificial convencionalizada, utilizada especialmente em eventos ou competições internacionais. São incorporados sinais frequentes em diversas línguas de sinais e sinais icônicos.

Sinal-arte

sinais da língua de sinais utilizados para fins estéticos.

Sinal

item lexical, unidade da língua de sinais autônoma constituída de unidades fonológicas, morfológicas e semânticas.

Sinalário

obra que reúne o conjunto de expressões que compõe o léxico de determinada Língua de Sinais e/ou conjunto de sinais-termos de determinado texto em Língua de Sinais – recorrentemente utilizado para especificar um glossário/vocabulário em Língua de Sinais.

Sinalização

fala articulada em Língua de Sinais.

Sinalizante/sinalizador

expressão atribuída aos surdos e/ou ouvintes para adentrar a cultura surda como leitores falantes de línguas de sinais.

Surdo/a

peessoa que usa Língua de Sinais para se comunicar. Essa diferenciação com o ouvinte acontece pelo fato de o surdo não se comunicar por sons. Esse jeito diferente de ser produz a cultura surda, que comporta: Língua de Sinais, pedagogia surda (jeito surdo de ensinar e aprender), artes surdas, e história cultural, identidade, vida e experiências surdas.

Topicalização

fenômeno frequente na produção da Língua de Sinais; quando constituinte de uma oração, é deslocado para o início da frase; fenômeno estudado pela sintaxe das línguas de sinais.

Tradutor intérprete de Libras/Língua Portuguesa

profissional que realiza tradução/interpretação da Língua Portuguesa para a Libras e vice-versa, de maneira simultânea ou consecutiva, garantindo o direito linguístico dos surdos à acessibilidade, ao conteúdo e à comunicação.

Unidades mínimas das línguas de sinais

Configuração de mão: forma que a(s) mão(s) assume(m) durante a articulação do(s) sinal(is); *movimento*: trajeto que a(s) mão(s) descreve(m) no espaço; *localização*: ponto no espaço/corpo em que a(s) mão(s) se encontra(m) no sinal; *orientação da palma*: direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. *Expressões não manuais*: expressões faciais e corporais que acompanham os parâmetros manuais modulando o significado.

Unidades temáticas

Uma estruturação adotada como um critério de organização dos *objetos de conhecimento* (“conteúdos”) de cada *componente curricular* (“disciplina”). Se apresentam no formato de grandes temas que organizam os componentes curriculares. As unidades temáticas funcionam como eixos pelo que se

trata de temas que podem se manter ao longo dos anos escolares sendo progredido em complexidade na mudança dos seus objetos de conhecimento.

Sinais caseiros

crianças surdas sem acesso a uma língua padronizada costumam desenvolver sistema de sinalização caseira para se comunicar com suas famílias.

Sinais não verbais

no campo dos estudos sobre alfabetização em língua de sinais, os sinais não verbais se referem à sinalização típica de bebês surdos, especialmente caracterizada por apontamento e direcionamento de olhar não acompanhado de sinais específicos da Língua de Sinais do seu país.

Variações sociolinguísticas da Libras

variações de componentes da Libras no âmbito intralinguístico (lexicais, fonológicas, semânticas etc.) e extralinguístico (etária, regional, socioeconômica etc.).

Visualidade surda

experiência visual dos surdos, que se desdobra em uso de Língua de Sinais; uso de pedagogia surda que especifica o jeito de ensinar para surdos e o jeito surdo de aprender; também, a linguagem corporal que evoca uma diferença no jeito de ver, descrever e narrar o mundo.



Equipe desta obra



Conheça, em
ordem alfabética,
os/as pesquisadores/as
que compuseram a equipe
dos Referenciais para o
ensino de Língua Brasileira
de Sinais como primeira
língua na Educação
Bilíngue de Surdos

ARTISTA SURDO
HOMENAGEADO
NA CAPA
DESTA SEÇÃO

Marcos Anthony –
Belo Horizonte, MG

Aline Lemos Pizzio



Sou ouvinte, bacharel em Fonoaudiologia pelo Instituto Metodista de Educação e Cultura (IMEC, 1997) e licenciada em Letras Língua Portuguesa e Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, 2002). Fiz meu mestrado (2006) e doutorado (2011) em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desenvolvendo pesquisas relacionadas à Língua Brasileira de Sinais (Libras). Sou professora da UFSC desde 2010 e atuo no Programa de Pós-graduação em Linguística, na linha de pesquisa Língua Brasileira de Sinais, desde 2016. Atualmente, coordeno o Grupo de Estudos Linguísticos da Libras (GELL) e participo do Corpus de Libras, ambos cadastrados no diretório CNPq. Minha pesquisa atual está relacionada ao mapeamento de teses e dissertações na área de linguística das línguas de sinais em programas de pós-graduação no país. Paralelamente, atuo no desenvolvimento do Banco de Sinais da Libras, como parte do projeto de Documentação da Libras. Além disso, estou iniciando um projeto voltado para a aquisição de língua de sinais como segunda língua. Tenho experiência na área de Linguística, com ênfase em linguística das línguas de sinais, trabalhando principalmente nos seguintes temas: aquisição de línguas de sinais, tanto L1 como L2; estudos linguísticos da Libras, principalmente aqueles voltados para morfologia e sintaxe; bilinguismo; e educação de surdos.



Bruno Gonçalves Carneiro



Sou ouvinte, professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Porto Nacional, no curso de Licenciatura em Letras-Libras e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Mestre (2012) e Doutor (2020) em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2012) e em Fisioterapia pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM, 2006). Integro o Grupo de Pesquisa Língua Brasileira de Sinais, Cultura, Literatura e Educação de Surdos, da UFT. Trabalho com os seguintes temas: tipologia de línguas de sinais, descrição da língua de sinais brasileira e educação de surdos.



Carilissa Dall'Alba



Sou surda, professora assistente de Libras do Departamento de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, defesa em 2020), mestra em Educação pela UFSM (2013) e graduada em Letras-Libras – Língua Brasileira de Sinais pela UFSC (2010). Tenho experiência na área de educação de surdos, letras, cultura, linguística, movimento social, política linguística e demais assuntos relacionados com a educação de surdos. Atuo em várias ações sociais relacionadas com a comunidade surda e sou ativista/militante do movimento surdo pelas melhorias da educação e da qualidade de vida do surdo. Coordeno o projeto de extensão e pesquisa Resgate Histórico de Movimento Surdo do Rio Grande do Sul.



Carina Rebello Cruz



Sou ouvinte, graduada em Fonoaudiologia pela Federação de Faculdades Metodista do Sul. Formada em interpretação de Libras-Português/Português-Libras pela Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo (FENEIS) e pelo Núcleo de Pesquisas de Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Letras-Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutora em Letras-Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, sou professora na UFRGS, do Departamento de Línguas Modernas, no Curso de Bacharelado em Letras, habilitação Tradutor e Intérprete de Libras (Libras-Português/Português-Libras), e no Programa de Pós-Graduação em Letras na linha de pesquisa Psicolinguística.



Charley Pereira Soares



Sou surdo, graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes, 2008), licenciado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2012), mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB, 2013) e doutorando em Linguística pela UFSC. Desde 2013, sou professor assistente do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde leciono as disciplinas de Libras voltadas aos cursos de licenciaturas (presencial e a distância). Sou líder do Grupo de Pesquisas e Estudos Linguísticos (GPEL-Libras), tenho experiência e interesse por pesquisas na Libras que envolvam Lexicografia e Terminologia; Semântica e Pragmática; Linguística Textual; Multimodalidade; e Estudos Culturais e Linguísticos dos Surdos, atuando nas seguintes linhas de pesquisas: descrição e análise das línguas de sinais, e coesão e coerência das línguas de sinais – linguística textual sinalizada.



Cristiane Lima Terra Fernandes



Sou ouvinte, mulher, filha, irmã, esposa, mãe e amiga. Militante na comunidade surda. Profissionalmente, sou doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (2018), mestre em Educação Ambiental (2011), especialista em Educação de Surdos (2018), licenciada em Matemática (2015), bacharel em Ciências Contábeis (1997), capacitada para o Ensino de Surdos (2005) e técnica em Tradução e Interpretação da Libras (2006). Atualmente sou professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), ministrando disciplinas na área da Libras. Fui idealizadora, cofundadora e primeira diretora da Escola Municipal de Educação Bilíngue Prof^a. Carmen Regina Teixeira Baldino (RS). Desenvolvo pesquisas na área da formação de professores bilíngues para atuação na educação de surdos e na produção de materiais bilíngues, bem como no aperfeiçoamento do currículo da Libras como primeira língua. Dentre minhas preferências temáticas, estão: constituição de



identidades surdas, formação de tradutores e intérpretes da Libras, formação docente para atuação na Educação Bilíngue de Surdos na perspectiva das Neurociências e currículo da Libras como primeira língua.

Débora Campos Wanderley



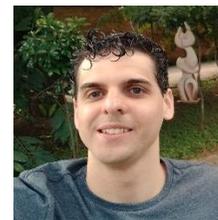
Sou surda, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenadora do curso de Letras-Libras Presencial. Pedagoga (2009), licenciada em Letras-Libras (2010), mestre (2012) e doutora (2017) em Linguística pela UFSC. Tenho experiência na área de Linguística, Tradução e Educação, com ênfase em Educação de Surdos, Libras e SignWriting, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de linguística, educação, escrita de sinais e tradução há mais de 10 anos de português para Libras/SignWriting. Membro da comissão de assessoramento técnico-pedagógico em Libras da DAEB/INEP e as traduções do Enem 2018 e 2019 em Libras.



Elias Paulino da Cunha Junior



Sou surdo, doutorando (2017) em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na linha de pesquisa Linguagem e Educação. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), franqueado com bolsa de estudo por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC). Mestre em Educação, stricto sensu, pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE-SP) na linha de pesquisa Políticas em Educação. Bolsista pela CAPES, franqueado com bolsa de estudo por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP). Proficiência no Ensino da Língua Brasileira de Sinais (PROLibras em Ensino) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES-RJ). Lato sensu em Educação Bilíngue para Surdos, pelo Instituto Surdez, Educação, Linguagem, Inclusão (SELI)/Faculdade XV de Agosto (FAQ XV). Formação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela PUC-SP/Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC). Lato sensu pela PUC-SP em História, Sociedade e Cultura. Fui membro do Departamento de Pós-Graduação em Educação e Iniciação Científica pela UNINOVE-SP, e pela mesma instituição graduei-me em História (licenciatura), e em Pedagogia, pelo Instituto Brasileiro de Formação (IBF-SC)/Faculdade Integradas de Cruzeiro (FIC), e graduando em Letras-Literatura (licenciatura) pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Fui diretor da Associação dos Professores Surdos do Estado de São Paulo (APSSP), e atualmente sou professor pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e membro do Grupo de Trabalho de Libras (GT-Libras) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Tenho experiência na educação de surdos, atuando principalmente nos seguintes temas: movimento político dos surdos; políticas educacionais para surdos; história e historiografia dos surdos; linguística em Libras; educação dos surdos e professores surdos.



Felipe Venâncio Barbosa

Sou ouvinte, graduado em Fonoaudiologia e doutor em Ciências da Reabilitação Humana, pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, sou professor doutor do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Atuo em atividades de ensino, pesquisa e extensão na graduação e no Programa de Pós-graduação em Linguística. Coordeno o Grupo de Pesquisa Língua de Sinais e Cognição (LiSCo), desenvolvendo pesquisas em colaboração com o Deafness, Cognition and Language Centre (DCAL), da University College London (Reino Unido), onde realizei estágio de pós-doutoramento, e com o Istituto Statale per Sordi Roma (Itália). Minha atuação tem foco na área de Linguística Clínica e Ciências Cognitivas, com atenção especial para estudos em processamento de linguagem, avaliação de linguagem e distúrbios de linguagem, voltados à Língua Brasileira de Sinais, assim como na área da Educação de Surdos, desenvolvendo atividades em parceria com escolas bilíngues da cidade de São Paulo e atuando na construção de currículos de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa para Surdos junto às Secretarias de Educação do Município de São Paulo e de Guarulhos.



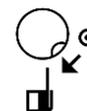
Francielle Cantarelli Martins

Sou surda, graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel, 2010), e em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2010). Especialista em Educação Inclusiva e mestra em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel, 2013), também doutora em Linguística pela UFSC (2018). Atualmente, sou professora adjunta de Libras na UFPel, coordeno o projeto de pesquisa Pedagogias Culturais Surdas: Educadores Surdos Refletindo sobre Práticas, Concepções e Possibilidades através da Tecnologia. Minha atuação tem foco na área de Linguística Aplicada e Educação com a Libras, assim como Educação de Surdos, Pedagogias Surdas e Terminologia em Libras.



Guilherme Nichols

Sou surdo, professor assistente na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), docente do Departamento de Psicologia (DPsi/UFSCar) atuando no curso de bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP). Doutorando e mestre (2016) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2012). Tenho experiência na área de Letras com ênfase em Língua Brasileira de Sinais, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura menor, literatura surda, Libras e educação de surdos. Aprovado em banca examinadora no Exame Nacional para Certificação de Proficiência na Língua Brasileira de Sinais – ProLibras UFSC/MEC. Fluente em American Sign Language (ASL).



Helene Schroeder Sanderson



Sou surda, designer, professora de Libras e de Sinais Internacionais. Atualmente cursando o mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Concluí a graduação de Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2018). Sou pós-graduada em Libras e Educação Especial pela Faculdade Eficaz (2015). Graduada em Design Gráfico pela Universidade Paulista (Unip). Participo dos seguintes projetos da UFSM: Mãos Livres, Produções Culturais Surdas no Contexto da Educação Bilíngue para Surdos e Resgate Histórico de Movimento Surdo do Rio Grande do Sul. Editora, fotógrafa e cineasta. Diretora do Documentário *Inclusão, educação ideal?*, disponível no YouTube com mais de 20 mil visualizações.



Jair Barbosa da Silva



Sou ouvinte, formado em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2000), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2006) e doutor em Linguística também pela UFAL (2010). Sou professor da UFAL desde 2013. Atualmente exerço minhas atividades no curso de Letras-Libras licenciatura e no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras da UFAL. Nesse programa, tenho atuado sobretudo com pesquisas e orientação envolvendo Libras, língua que constitui meu objeto de análise.



Juliana Lohn



Sou surda, graduada em Pedagogia a Distância pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2006), licenciada em Letras-Libras a distância pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2011) e especialista em Educação de Surdos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC, 2008). Tenho formação em Matérias Didático-bilíngues (Libras-Português) pelo IFSC (2012) e sou mestre em Educação (CED/UFSC, 2015). Sou professora assistente na área de Ensino/Aprendizagem de Libras na UFSC desde 2013. Atuo como pesquisadora e orientadora de iniciação científica no Projeto Inventário de Libras da Grande Florianópolis (2014) e como pesquisadora colaboradora no Projeto de Pesquisa Inventário Nacional de Libras (2015). Integro o Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e integro o Projeto Documentação da Libras, ambos sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros. Sou coordenadora de Ensino de Libras na UFSC, na gestão de 2020 a 2022. Tenho experiência na área de Educação, com ênfase em Pedagogia, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, educação de surdos, comunicação em Libras, intérprete de Libras e aprendizagem de Libras. Tenho Certificação de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais – Libras na categoria usuários da Libras, surdos, com escolaridade de nível superior (2006).



Kátia Lucy Pinheiro



Sou surda, professora adjunta do Departamento de Letras-Libras e Estudos Surdos da Universidade Federal do Ceará (UFC). Colaboradora da Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Fortaleza (CE). Fui professora de Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutora em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2020), e pela mesma instituição, integro o Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros. Mestre em Educação Brasileira pela UFC (2012), tenho também licenciatura em Letras-Libras pela UFSC no polo UFC (2010) e em Pedagogia pela Centro Universitário Christus (Unichristus, 2006). Sou intérprete e tradutora de Língua Portuguesa para Libras e de duas línguas de sinais. Tenho experiência na área de línguas de sinais, com ênfase em estudos da tradução e interpretação, política linguística, sociolinguística, geopolítica, educação, literatura surda e formação para professores e tradutores e intérpretes, atuando nos seguintes temas: legislações, Libras, línguas de sinais, tradução e interpretação bilíngue e plurilíngue. Sou membro da ABRALIN e coordenadora do grupo de trabalho de tradutor e intérprete surdo e guia-intérprete surdo de línguas da Febrapils.



Marcos Luchi



Sou ouvinte com graduação em Letras-Libras (2012), mestrado (2013) e doutorado (2019) em Estudos da Tradução, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sou intérprete de/para surdos há 12 anos. Membro do projeto Inventário da Língua Brasileira de Sinais. Atualmente sou professor adjunto da UFSC, com experiência na área de Linguística e de Estudos da Interpretação/Tradução.



Maria Mertzani



Sou ouvinte, graduada em Bachelor of Arts em Filosofia e Educação pela Universidade Aristóteles de Salonica-Grécia (1999) e MPhil (2003), com doutorado (2009) em Linguística Aplicada pelo Centre for Deaf Studies, da University of Bristol. Atualmente sou professora visitante no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Tenho experiência na área de Letras, no ensino e aprendizagem das línguas (como primeira e segunda língua), com ênfase nas línguas menos ensinadas (línguas de sinais, minoritárias e antigas), atuando principalmente nos seguintes temas de Linguística e Linguística Aplicada: currículo e conteúdos programáticos; línguas de sinais; métodos de ensino das línguas; materiais e aprendizagem visual; simbolismo da linguagem; *translanguaging*; e formação de professores. Sou líder dos projetos de pesquisa na FURG: INST 15 – Currículo de



Libras como primeira língua (em Rio Grande); e PESQ 748 – Livros visuais para a aprendizagem das línguas.

Marianne Rossi Stumpf



Sou surda, graduada em Tecnologia de Informática pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2000), e em Educação de Surdos pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc, 2004). Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio na Universidade de Paul Sabatier e na Universidade de Paris 8 (2001-2005). Tenho pós-doutorado pela Universidade Católica Portuguesa (2013-2014). Atualmente sou professora associada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora de Pós-graduação em Linguística na mesma instituição. Vice-líder do Grupo de Pesquisa de Estudos sobre o SignWriting registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), líder do Grupo de Pesquisa Léxico e Terminologia em Libras: Tradução, Validação e Tecnologia, registrado no CNPq (www.glossário.Libras.ufsc.br). Tenho experiência na Educação de Surdos, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores de Libras, escrita de sinais pelo sistema SignWriting, traduções, terminologia de Libras, sinais internacionais e formação de intérpretes de Libras. Vice-presidente da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils, 2019-2023), membro da comissão de assessoramento técnico-pedagógico em Libras da Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB/INEP) e das traduções do Enem 2017, 2018 e 2019 em Libras, e representante da Sign Language Linguistics Society (2019-2021).



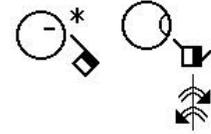
Marilyn Mafra Klamt



Sou ouvinte, professora adjunta na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Licenciada em Letras-Português e Literaturas (2003), mestre (2014) e doutora (2018) em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sou pesquisadora assistente do projeto Sobreposição em Bilíngues Bimodais: Síntese de Línguas; do projeto Documentação da Libras; e membro do Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros. Também sou membro do Grupo de Pesquisa Literatura em Língua de Sinais, sob a coordenação de Rachel Sutton-Spence. Sou coordenadora do Projeto de Extensão Contação de Histórias em Libras e Português, desde 2020. Tenho experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Brasileira de Sinais, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Brasileira de Sinais, literatura, educação de surdos e linguística das línguas de sinais.



Marisa Dias Lima



Sou surda, doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU, 2018), mestre em Linguística pelo Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB, 2011), graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM, 2008) e graduada em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2010). Tenho experiência na área de Libras com ênfase em aquisição, formação e ensino; e estudos surdos, tendo por enfoque o ensino de Português como segunda língua na modalidade escrita, ensino bilíngue, política linguística e política educacional. Faço parte de dois projetos de pesquisas vinculados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ): Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias (GPELEDT); pesquisas na área de Libras, Linguística com ênfase em Libras, Educação Especial e Educação a Distância; e Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão (GEPEPES). Atualmente, sou professora adjunta na UFU.



Maurício Barreto Silva



Sou surdo, ilustrador, poeta em Libras e em escrita de sinais pelo sistema SignWriting. Professor de escrita de sinais na Associação de Surdos Centro Educacional Especializado de Jequié (Bahia). Para ver meus trabalhos, acesse: <<https://www.youtube.com/user/deafmauricio/videos>>



Rachel Sutton-Spence



Sou ouvinte, com graduação em Bachelor of Arts in Experimental Psychology pela University of Oxford (1987) e doutorado em Linguística Aplicada, Estudos Surdos pela University of Bristol (1995). Atualmente, sou professora de Letras-Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tenho experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Literários, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, línguas de sinais, literatura surda, poesia e literatura sinalizada. Sou líder do Grupo de Pesquisa Literatura em Línguas de Sinais, na UFSC.



Ramon Santos de Almeida Linhares



Sou ouvinte, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC, 2019). Graduando em Letras-Libras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuando como monitor da disciplina de Escrita de Sinais (SW). Licenciado em Educação Artística: Dança pela Faculdade Angel Vianna (2011), com pesquisa em produção de artistas surdos brasileiros, produções simbólicas do corpo e formas de registro do gesto. Técnico em Publicidade e Propaganda pelo Liceu de Arte e Ofícios do Estado do Rio de Janeiro (2006) e servidor público federal no cargo de Tradutor/Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/MEC). Atuo como diretor substituto no Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico gerenciando ações de pesquisa e extensão na Coordenação de Projetos Educacionais e Tecnológicos (COPET/DDHCT) do mesmo instituto. Membro da diretoria do Centro de Integração da Arte e Cultura dos Surdos (CIACS-RJ) e da comissão de assessoramento técnico-pedagógico em Libras da DAEB/INEP na supervisão de traduções do Enem em Libras nos anos desde 2017. Atualmente, realizo pesquisas nas áreas de Estudos Surdos, Estudos da Tradução, Filosofia da Linguagem, Arte e Cultura Surda, Movimentos Sociais Surdos e Educação Escolar Bilíngue de Surdos.



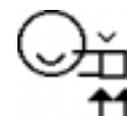
Rodrigo Nogueira Machado



Sou surdo, com bacharelado em Geografia pela Universidade Luterana do Brasil (2007), licenciado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2010), mestrado em Linguística pela UFSC (2016) e doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2018). Professor adjunto da Universidade Federal do Ceará (UFC), colaborador de pesquisa da UFSC e membro da Comissão de Assessoramento Técnico-Pedagógico em Libras do INEP/MEC. Tenho experiência na área de Letras, com ênfase em Libras, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras; sociolinguística; línguas em contato; interpretação e tradução; e sinais internacionais.



Ronice Müller de Quadros



Sou ouvinte, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) desde 2002, e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ - PQ1C), com pesquisas relacionadas ao estudo das línguas de sinais desde 2006. Pedagoga (1992), mestre (1995) e doutora (1999) em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com estágio por 18 meses na University of Connecticut (1997-1998) e pesquisas voltadas para gramática da Libras e aquisição da Libras. Tenho pós-doutorado pela Gallaudet University e University of Connecticut (2009-2010) com pesquisas relacionadas ao desenvolvimento bilíngue bimodal (crianças usuárias de Libras e Português, e crianças usuárias de ASL e Inglês), com financiamento da NIH e do CNPQ (2009-2014), e pós-doutorado na Harvard University com pesquisas em línguas de bilíngues bimodais (Libras/Português e ASL/Inglês), com financiamento do CNPQ (2015-2016). Responsável pela consolidação do Núcleo de Aquisição de Línguas de Sinais (NALS) na UFSC com dados longitudinais e experimentais de crianças surdas e crianças ouvintes bilíngues bimodais desde 2002, e pelo Grupo de Pesquisa Corpus de Libras (desde 2014), integrante do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ que está vinculado aos projetos de pesquisas envolvendo a documentação de Libras. Coordeno a consolidação do Inventário Nacional de Libras que inclui vários subprojetos para composição da documentação da Libras, contando com financiamento do CNPQ e do Ministério da Cultura. Também faço parte do Projeto de Sobreposição de Línguas em Bilíngues Bimodais, que conta com financiamento parcial da National Science Foundation (NSF), em parceria com a University of Connecticut, relacionado com o projeto com crianças bilíngues bimodais. Tenho experiência na área de Linguística, com ênfase em Psicolinguística e Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, aquisição da língua de sinais, bilinguismo bimodal, línguas de herança, educação de surdos e tradução e interpretação de língua de sinais



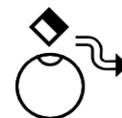
Shirley Vilhalva



Sou surda, professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Sou graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (atual Universidade Católica Dom Bosco/UCDB), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas (DINTER/UNICAMP/UFMS). Docente da Faculdade de Educação da UFMS, membro da Equipe de Estudo de Libras, nas áreas de concentração: Língua Brasileira de Sinais, educação de surdo indígena, cultura surda e família bilíngue e amigos de surdo.



Simone Gonçalves de Lima da Silva



Sou surda, com graduação em Pedagogia a Distância para Surdos pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc, 2006), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2008) e doutorado em Linguística Aplicada pela mesma instituição (2016). Tenho experiência na área de Educação com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, ação docente, tradução e interpretação de Libras-Português, língua de sinais e cidadania. Sou líder dos Grupos de Pesquisa: Cultura, Educação e Tecnologias em Língua de Sinais (CETELS) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos (NEPES) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC); e membro do Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Trabalho como professora de Língua Libras no IFSC, Campus Palhoça Bilíngue.



Sônia Marta de Oliveira



Sou ouvinte, pedagoga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com especialização em Educação Infantil pelo Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais de Minas Gerais/Newton de Paiva, doutora em Educação pela PUC Minas, cofundadora do grupo Coda Brasil, membro do Movimento Surdo de Educação Bilíngue no Estado de Minas Gerais, coordenadora pedagógica do curso de Libras do Curato Nossa Senhora do Silêncio da Pastoral do Surdo da Arquidiocese de Belo Horizonte e professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (atualmente na educação de jovens e adultos surdos).



Vanessa Regina de Oliveira Martins



Sou ouvinte, professora adjunta II na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), atuando no curso de bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP), atualmente coordenadora desse curso. Doutora (2013) e mestra (2008) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP, 2004). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Universidade Integrada Espírita (Atualize/Unibem, 2007). Docente do Departamento de Psicologia (Dpsi/UFSCar), docente vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEEs/UFSCar); coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi/UFSCar/CNPq). Pesquisadora colaboradora no grupo de pesquisa Surdez e Abordagem Bilíngue (UFSCar). Tenho experiência docente na área da Educação Bilíngue de Surdos (Educação Infantil e Ensino Fundamental I); na graduação e na pós-graduação (mestrado e doutorado); na formação de tradutores intérpretes de língua de sinais; na formação para educadores bilíngues de surdos e professores de Libras, bem como experiências como tradutora e intérprete de língua de sinais em diferentes esferas discursivas (intérprete generalista e educacional). Áreas específicas de estudos e pesquisas: filosofia francesa e Educação Bilíngue de Surdos.



ARTISTAS SURDOS/AS HOMENAGEADOS/AS NESTA COLEÇÃO

**Bruno
Vittal**

@brunovital_arte



**Gabriel
Isaac**

@isflocos

**Candy
Uranga**

@elmundodecandyuranga



**Klima
Coutinho**

@kilma_coutinho

**Coletivo
Corpo
sinalizante**

@corposinalizante



**Lucas
Ramon
"Tikinho"**

@ramonlucas028

**Fábio
Gonçalves**

@fotografo7fabio



**Marcos
Anthony**

@marcosanthonyoficial

**Fábio
Sellani**

@fabio_sellani_tutti



**Ralph
Odrus**

@odrusone



EDITORA ARARA AZUL

Rua A, Condomínio Vale da União, casa 20, Araras, Petrópolis – RJ – Brasil. CEP: 25725-055.

Celular/WhatsApp:(24) 98828-2148 | E-mail: eaa@editora-arara-azul.com.br

www.editora-arara-azul.com.br



COLEÇÃO
Ensinar e aprender em
Libras

**Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos:
*da Educação Infantil ao Ensino Superior***

REALIZAÇÃO



APOIO



PRODUÇÃO



VOLUME 05

